UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

RAQUEL VERGINIA RODRIGUES ORIO

A ARTE-EDUCAÇÃO NA COMUNIDADE RESTINGA:
ANDANÇAS E MUDANÇAS

PORTO ALEGRE
2013

RAQUEL VERGINIA RODRIGUES ORIO

A ARTE-EDUCAÇÃO NA COMUNIDADE RESTINGA:

ANDANÇAS E MUDANÇAS

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profª. Drª. Maria Cristina Villanova Biasuz

PORTO ALEGRE

2013

ÍTACA

Se partires um dia rumo a Ítaca,
faz votos de que o caminho seja longo,
repleto de aventuras, repleto de saber.

Nem Lestrigões nem os Ciclopes
nem o colérico Posídon te intimidem;
eles no teu caminho jamais encontrará
se altivo for teu pensamento, se sutil
emoção teu corpo e teu espírito tocar.

Nem Lestrigões nem os Ciclopes
nem o bravio Posídon hás de ver,
se tu mesmo não os levares dentro da alma,
se tua alma não os puser diante de ti.

Faz votos de que o caminho seja longo.
Numerosas serão as manhãs de verão
nas quais, com que prazer, com que alegria,
tu hás de entrar pela primeira vez um porto
para correr as lojas dos fenícios
e belas mercancias adquirir:
madrepérolas, corais, âmbares, ébanos,
e perfumes sensuais de toda a espécie,
quanto houver de aromas deleitosos.

A muitas cidades do Egito peregrina
para aprender, para aprender dos doutos.

Tem todo o tempo Ítaca na mente.
Estás predestinado a ali chegar.
Mas não apresses a viagem nunca.

Melhor muitos anos levares de jornada
e fundeares na ilha velho enfim,
rico de quanto ganhaste no caminho,
sem esperar riquezas que Ítaca te desse

Uma bela viagem deu-te Ítaca.
Sem ela não te ponhas a caminho.
Mais do que isso não lhe cumpre dar-te.

Ítaca não te iludiu, se a achas pobre.
Tu te tornaste sábio, um homem de experiência,
e agora sabes o que significam Ítacas.

(KAVÁFIS, Konstantínos, 1863-1933).

AGRADECIMENTOS

Estas linhas escrevo bastante emocionada, sou por demais sentimental, ainda mais quando estou para terminar algo.

Sendo assim, agradeço:

À Energia Maior, Deus, mãe e pai, que nos acompanha em todos os momentos e está presente em todo lugar e em cada pessoa.

À família, primeiro núcleo, de onde nasce a educação primordial, meus pais, Neusa e Leocir, que com seu exemplo de vida simples me ensinaram como economizar.

À minha bibliotecária em formação, Regina Luísa, que com sua paciência e dedicação possibilitou a formatação deste trabalho, ordenando aquilo que eu não podia coordenar.

Ao meu noivo Adelmo, por seu carinho e compreensão quando não pude participar muito das pesquisas de casas e apartamentos.

Aos amigos da Pastoral da Juventude e de maneira especial aos amigos da PJ da Tinga, Alisson, Édina, Henrique, Gustavo, Samara, Shayze, Yuri, peço que me desculpem pela ausência nesse período de êxodo.

À Família Murialdo, as Irmãs Murialdinas do CIJ Monteiro Lobato pela confiança e todos os colegas de trabalho, de maneira especial Aline, pelos fios de conversa e Tiago pelas sugestivas correções.

Aos meus alunos, mesmo não podendo citá-los, quem sabe um dia saberão que foram de suma importância para a pesquisa deste trabalho.

À Paróquia Nossa Senhora da Misericórdia, minha segunda casa durante anos, a todos os paroquianos, pela oração e carinho.

Enfim a todos os amigos e amigas, de longe e de perto, que guardo no coração.

Por fim, não menos importante, à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por acolher esta estudante periférica, com todas as suas limitações. Às minhas professores e mestres por seus questionamentos que muito me fizeram pensar, por me mostrar que é possível sim acreditar na educação e por suas poéticas que me fizeram perceber universos antes não vistos.

MUITO OBRIGADA!

RESUMO

O trabalho aborda a arte-educação baseada na comunidade. Os motivos do trabalho, objetivos e desafios são tratados na Introdução bem como a ligação da autora com a Restinga, bairro localizado na periferia de Porto Alegre. Os escritos são uma análise reflexiva do desenvolvimento do projeto de estágio, parte obrigatória para Licenciatura em Artes Visuais na UFRGS. Inicia com uma retomada histórica do surgimento da Restinga, resgata a remoção dos primeiros moradores do centro para o bairro e como foi seu desenvolvimento desde então, até os dias atuais, aponta as formações de identidade presentes a partir da história de formação. Apresenta a escola onde foi realizado o estágio, apontando as andanças realizadas. Relata sobre o projeto de Estágio, como foi desenvolvido e as mudanças no decorrer das aulas, ressalta como os alunos passaram a perceber o bairro depois de conhecer seu contexto histórico. Trata das questões da arte-educação, do ser professor e busca relacionar nas aulas a arte contemporânea. Conclui afirmando que os alunos nas aulas de arte-educação têm um melhor desempenho se o processo levar em conta suas realidades.

Palavras-chave: ARTE-EDUCAÇÃO. RESTINGA. COMUNIDADE.

ABSTRACT

The work approaches community based art-education. The reasons of the work, objectives and challenges are covered in the Introduction, as well as the relation of the author with Restinga, a suburb located in the outskirts of the city of Porto Alegre. The writings are a reflexive analysis of the development of a project, during the training period towards the degree of Licenciatura in the Visual Arts at UFRGS. It begins with the historical review of the first years of Restinga, goes over the removal of the first inhabitants from the city center to the suburb and its development since then, pointing the identity formations that are part of its history. It presents the school where the training period was carried out and the paths taken during this journey. It covers the project developed during the training period, the changes observed during the classes, stating how the students started to be aware of the suburb after knowing its historical context. It also deals with art-education questions, of being a teacher and tries to relate all this with contemporary art lessons. It concludes by stating that students in art-education classes have better performance if their reality is taken into account.

Keyswords: ART-EDUCATION. RESTINGA. COMMUNITY.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Favelas são 20 mil famílias.....12
Figura 2 – Avenida Ipiranga e seus problemas.....13
Figura 3 – Malocas da Rua Avaí.....14
Figura 4 – Ninguém pensa na Restinga.....15
Figura 5 – Morte e desespero.....15
Figura 6 – Mapa da Restinga.....17
Figura 7 – Pátio da escola 1.....19
Figura 8 – Pátio da escola 2.....19
Figura 9 – Esse é o meu amor pela Restinga! – aluna 3.....22
Figura 10 – Livro borboleta – alunas 8, 10, 12, 22 e 23.....26
Figura 11 – Livro coração meninos – alunos 7, 16, 27 e 29.....27
Figura 12 – Livro letras – alunos 15, 18, 29 e 31.....27
Figura 13 - Livros originais – alunos 1, 2, 4, 5, 6, e 18.....28
Figura 14 – Conjunto de letras.....29
Figura 15 – Gráfico opinião Restinga.....30
Figura 16 – Matriz gravura por que ir à Restinga – aluna 22.....31
Figura 17 – Matriz gravura por que não ir à Restinga – aluna 08.....31
Figura 18 – Composição história da Restinga – aluno 20.....33
Figura 19 – Composição com a história da Restinga – aluna 24.....34
Figura 20 – Malocas – aluna 2.....36
Figura 21 – Agricultores – aluno 20 36

SUMÁRIO

1 PALAVRAS INICIAIS.....9

2 ANDANÇAS.....11

2.1 Comunidade Restinga.....11

2.1.1 História.....12

2.1.2 Cenário Atual.....16

2.2 A Escola.....18

2.2.1 A Turma.....20

3 MUDANÇAS.....24

3.1 O projeto inicial.....24

3.2 Análise do projeto.....25

3.2.1 Identidades na sala de aula.....26

3.2.2 Percebendo a Restinga.....29

3.2.3 Contando a história.....33

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....38

REFERÊNCIAS.....41

APÊNDICE A – RESPOSTAS COMPLETAS DOS ALUNOS.....44

APÊNDICE B – PROJETO DE ENSINO INICIAL.....50

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO ALUNOS.....57

ANEXO B – TERMO CONSENTIMENTO ESCOLA.....58

1 PALAVRAS INICIAIS

As palavras presentes neste relato partem de uma história pessoal de envolvimento em uma comunidade: a Restinga. Junto a esta história, surge a arte-educação propiciando esta mescla: comunidade, educação e arte, dando origem a estas memórias. Os escritos estão em primeira pessoa por ser algo íntimo, de cunho pessoal, podendo mesmo ser confundidos com um diário.

O Trabalho de Conclusão de Curso, Arte-educação na comunidade Restinga: andanças e mudanças, no qual apresento o bairro Restinga, mostra também a análise reflexiva de como, para os alunos, conhecer a história da comunidade revelou algum tipo de afeto, seja reforçando uma postura já existente ou modificando uma impressão antes estabelecida.

A principal questão abordada neste trabalho, apresentando-se como um problema que proponho para discussão, é uma suspeita: será possível modificar o olhar que se tem sobre a comunidade através das aulas de arte-educação? Para responder esta questão foi analisada a produção das aulas de artes da 8º série de uma escola localizada no bairro. Foram realizados 26 encontros nos quais se trabalhou a arte contemporânea, bem como técnicas de gravura, modelagem, composição e forma, todos fazeres da arte, no qual o pano de fundo foi o bairro Restinga.

No capítulo *andança* apresento a Restinga a partir das pesquisas realizadas, do olhar de quem cresceu e vive na comunidade, bem como a descrição da escola. A história da formação do bairro é marcada por uma série de eventos ligados ao crescimento da cidade de Porto Alegre. Uma cidade que se desenvolve precisa de planejamento e organização, e dentro desse sistema, o destino dos pequenos agricultores e biscateiros, expulsos do campo, foi tentar a vida num lugar afastado do centro, a então Vila Restinga. Os alunos desconheciam a origem do bairro, mesmo sendo moradores da comunidade. Desse modo, desenvolver este assunto nas aulas de artes foi uma das proposições do projeto de estágio apresentado neste trabalho.

No capítulo *mudança* apresento os acontecimentos e os resultados do projeto de ensino, com uma análise reflexiva. Ao revisitar a história da comunidade, minha ideia inicial era poder proporcionar aos alunos um conhecimento do bairro, que a meu ver eles não tinham, de acordo com as observações realizadas anteriormente. Ao trabalhar esse tema em sala de aula foi possível observar pontos de vistas criados, os quais apresento neste capítulo juntamente com uma forma resumida do projeto de ensino inicial, bem como as modificações efetuadas ao longo das aulas, abrangendo tanto o que foi melhorado quanto o que não pode ser executado.

No título deste trabalho encontram-se as palavras arte e educação. Muito pensei sobre como seria a melhor forma de apresentar a grafia *arte* e *educação*, visto que muitas foram as transformações destas palavras com o passar do tempo, sendo uma das últimas *educação artística*. A mudança não foi somente na forma escrita, mas também quanto ao conteúdo, a forma da arte e da educação. Ao final fiquei com as duas soluções: arte-educação e arte/educação, diante das quais Lucimar Bello Frange (2008, p. 45) me ajudou a decidir ao afirmar que:

> Arte-Educação surge na tentativa de conectar Arte e Educação, por isso a razão do hífen e até mesmo no intuito de, com esta junção, resgatar as relações significativas entre a Arte e a Educação. [...] Arte/educação com barra é sugestão de um lingüista para reforçar a idéia de imbricamento, contigüidade, terceiro espaço, como diz Hommo Bhabha.

Por isso utilizo neste trabalho o termo arte-educação, separado por hífen, com a proposta de uma unidade entre educação e arte, ainda não tão imbricada quanto como se fosse com barra.

O tema Restinga foi assunto de diversas dissertações, porém, não encontrei nenhum trabalho no campo da arte-educação que relacione o bairro com educação. Há trabalhos na área da geografia, letras e arquitetura[1]; esses trabalhos contribuíram para minha produção, apontando reflexões, sugestões e em algumas vezes até orientando o recorte da pesquisa. Graças às referências bibliográficas desses escritos também pude acessar outros textos sobre a comunidade.

Com este relato desejo fazer memória dos acontecimentos que permearam a formação da Restinga, das lutas e sonhos de seus moradores, os desafios de chegarem a um local onde não havia nada e do nada, construírem uma comunidade, uma *comum unidade*.

[1] Cito nas referências os trabalhos mencionados.

2 ANDANÇAS

Vim, tanta areia andei...
vagando em verso eu vim...
meu olhar em festa se fez feliz
lembrando a seresta que um dia eu fiz.
E jamais termina meu caminhar
só o amor me ensina onde vou chegar.
Rodei de roda, andei...
no passo da estrada só faço andar...
vim de longe léguas, cantando eu vim...
vou, não faço tréguas, sou mesmo assim.
Por onde for quero ser seu par
(CAYMI; SOUTO; TAPAJOS, 1968).

Este relato parte de fatos: o que vi, vivi, ouvi e senti.

Andança (FERREIRA, 2009, p. 132) significa andamento, ação de andar, viajar, viagem, peregrinação. Para mim também um andar com dança, um andar mais leve, quase um passeio, ou um passear. A música Andança relata um passeio caminho de léguas.

Relato neste capítulo meu andar com dança, minhas caminhadas, por onde passei. Apresento a comunidade da Restinga considerando seu contexto histórico-social: a história de formação e um breve panorama atual, bem como minha visão enquanto nativa desse local. A escola em questão também é referenciada. Faço uma descrição do prédio e do entorno, relatando as relações dos alunos com este espaço, com as aulas de artes e com os professores. No texto, há a discussão sobre a formação de identidade da comunidade Restinga e os diferentes universos presentes em sala de aula.

2.1 Comunidade Restinga

O bairro Restinga foi criado pela Lei nº 6571 de 1990 e está localizado na periferia de Porto Alegre, cerca de 26km do centro (GAMALHO, 2009). O nome do bairro tem por definição pequeno arroio coberto de mato, sanga (NUNES, 1990, p. 08). A Restinga tem um arroio, o Salso, que nos dias de hoje está poluído, e o mato, segundo descreve o site oficial da cidade (PORTO ALEGRE, 2012), que tinha uma “vegetação arbustiva e matas com figueiras nos sopés dos morros e maricás nas áreas lacustres”, sumiu.

2.1.1 História

A formação da Restinga é semelhante à formação de muitas outras comunidades. Famílias inteiras saiam do interior do Estado devido à mecanização do campo para começarem uma nova vida na cidade grande, acreditando que ao chegarem às condições seriam melhores. Porém, o mercado de trabalho pedia mão de obra qualificada, a qual os pequenos produtores rurais não possuíam, ficando assim marginalizados. Estes fatos deram origem a vilas em Porto Alegre (figura 1). Locadas bem junto ao centro da cidade, acabaram por causar problemas como mal estar junto aos outros moradores mais antigos da região, além da questão visual por moraram em *malocas*, pequenas casas construídas com restos de materiais de demolição, madeiras e telhas velhas e quebradas.

Figura 1 – Favelas são 20 mil famílias

FAVELAS são 20 mil famílias

A cidade cresce e se moderniza. Mas, à margem do progresso, continua um problema que tem enfrentado o tempo e os governos: as malocas. Em Pôrto Alegre são 20 mil as famílias que vivem em casebres. PÁGINA 9.

Fonte: ZERO HORA, 1970, p. 9

A prefeitura na década de 60 oficializa a criação do DEMHAB - Departamento Municipal de Habitação, órgão que já existia desde a década de 40, porém, com outras funções e nomenclatura. Junto a este órgão nasce também a *solução* para as malocas: a política *remover para promover* (NUNES, 1990, p. 8). Segundo a Zero Hora (1969, p. 03) as malocas sairiam da Av. Ipiranga e iriam para Vila Restinga (figura 2).

Figura 2 – Avenida Ipiranga e seus problemas

ZERO HORA modificou um pouco, a vida nessa artéria que corta Pôrto Alegre de leste a oeste, a avenida dos grandes contrastes.

Para ir ao trabalho, uma longa caminhada: falta de travessias.

AVENIDA IPIRANGA E SEUS PROBLEMAS

A caxiense Rosa Maria, espôsa do brigadiano Aristóbolo, recebeu um aviso, "escrito num papel pequenininho", de que a sua vila vai desaparecer. Ela mora numa das malocas da avenida Ipiranga, que corta Pôrto Alegre de leste a oeste, dividindo-a em duas. Na maloca de sala, cozinha e dormitório, ela concorda que tinha maior confôrto em Caxias do Sul. Mas prefere morar aqui, "porque a capital é outra coisa". Sua família, como outras 30 mil, ocupará as casas que o Departamento Municipal de Habitação (DEMHAB), está construindo na vila Restinga.

PONTES

Embora sejam muitas, as pontes da avenida Ipiranga são insuficientes. A afirmação é dos moradores da rua Arlindo, localizada no trecho entre as pontes da avenida Getúlio Vargas e rua da Azenha. Estudantes, trabalhadores e velhas senhoras que vão à missa, fazem um longo percurso para atingirem a outra pista. Na avenida Ipiranga existem várias construções, como a Casa do Estudante Secundarista e do Lar São Domingos. As novas instalações de ZERO HORA, defronte o Colégio Protásio Alves, modificaram um pedaço da avenida. Diáriamente, dezenas de veículos se movimentam em tôrno da notícia. Outra construção importante a Faculdade de Farmácia da Universidade Federal, localizada quase no fim da avenida, junto ao Beco do Salso. Residenciais ou não, tôdas as quadras da avenida são prejudicadas pelos mosquitos originários do riacho. Suas águas putrefatas são extremamente perigosas, principalmente no verão.

Malocas: o feio da avenida vai sair.

ZERO HORA - 11 - 8 - 69 - Pôrto Alegre

Fonte: ZERO HORA, 1969, p. 03

Aparentemente vários problemas estariam sendo resolvidos com esta política: as famílias teriam o tão sonhado terreno com casa, a prefeitura teria a área livre para construção de grandes empreendimentos imobiliários e haveria sossego com relação aos assaltos que estavam acontecendo na região (figura 3).

Figura 3 – Malocas da Rua Avaí

MALOCAS DA RUA AVAÍ VÃO PARA A RESTINGA

Um grupo de maloqueiros, remanescentes da vila que existiu nas imediações do início da futura avenida Perimetral, entre a rua Avaí e Travessa do Carmo, estão sendo transferidos para a vila Restinga, próximo a Belém Novo. Com a medida, recentemente adotada pelo Departamento Municipal de Habitaçao (DEMHAB), fica solucionado um grave problema social existente na zona central. O grupo de malocas produzia mal-estar entre os habitantes do local, que se queixavam de roubos, atribuindo sua autoria aos maloqueiros.

POLICIAMENTO

Ontem mesmo, uma comissão de moradores das ruas Sarmento Leite, Avaí e Travessa do Carmo esteve em ZERO HORA para reclamar contra a falta de policiamento. Dizem que os ladrões têm agido muito nos últimos dias. Fios, torneiras, canos de chumbo e outras utilidades são preferidos pelos gatunos. Um dos componentes da comissão, o sr. Omar Peixoto, vítima de roubo no valor de NCr$ 3.000,00, em duas construções de sua propriedade, registrou queixa na Delegacia de Investigações. Lamentou que, até agora, não tenha sido tomada nenhuma providência pelas autoridades policiais. A esperança é que, com a transferência dos últimos componentes daquelas malocas, os moradores da zona possam viver em maior tranqüilidade.

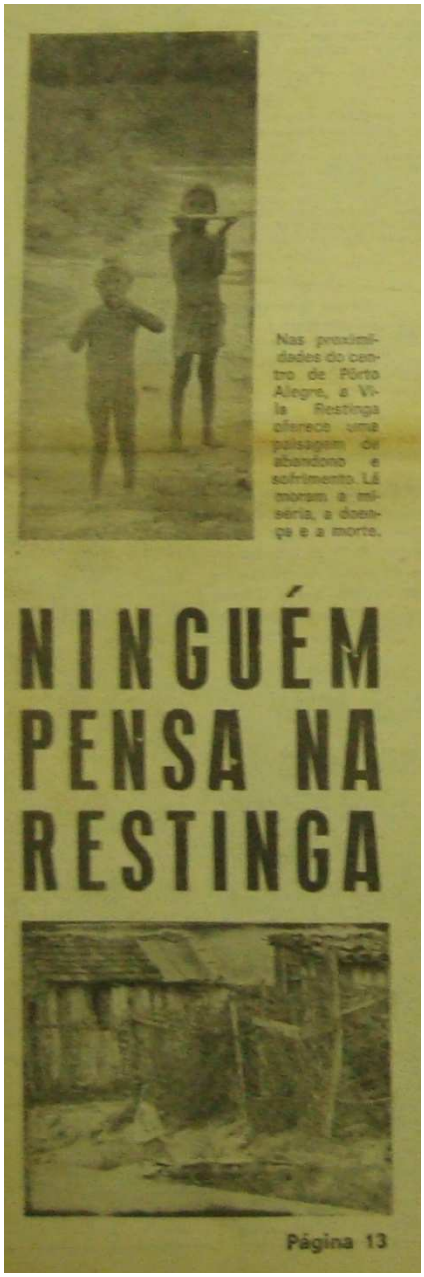
Fonte: ZERO HORA, 1970, p. 09

Ao chegar à Restinga a surpresa era que na nova vila/vida não havia nada, ou melhor, havia mato e sanga. A água vinha de caminhão pipa a cada duas semanas e não havia recipientes para acumular o líquido, obrigando os moradores a procurar poços no próprio local de onde tiravam água barrenta e contaminada com insetos.

As tão sonhadas casas só chegariam tempos depois. Os primeiros moradores relatam inclusive que um caminhão trazia os resquícios de madeira das antigas moradias: "[...] *chegaram aqui, nos largaram e depois de duas semanas eles vieram para levantar a casinha. Nós estávamos numa barraquinha e nos viemos num caminhão da prefeitura* [...]" (NUNES, 1990, p. 09). Na Vila Restinga não havia água, luz, assistência médica ou social, educação e calçamento (figuras 04 e 05). O único meio de transporte para sair ou chegar na vila era o ônibus que saia de manhã bem cedo e voltava a noitinha.

O inicio foi triste. Não tinha água, não tinha luz e os refrigerantes que a gente comprava, nos fazíamos um buraco bem fundo no chão e colocava ali as frutas e os refrigerantes para ficarem bem geladinhos. (...) Os homens iam trabalhar às cinco da manhã e vinham só à noite. Não tinha outro ônibus e seis meses o ônibus foi de graça, depois fizeram abaixo-assinado para pagar, pra vir mais ônibus. E conseguimos. Num tantinho entraram três ônibus pra nos. **Maria Vitoria de Souza** (NUNES, 1990, p. 09).

Figura 4 – Ninguém pensa na Restinga



Nas proximidades do centro de Pôrto Alegre, a Vila Restinga oferece uma paisagem de abandono e sofrimento. Lá moram a miséria, a doença e a morte.

NINGUÉM PENSA NA RESTINGA

Página 13

Fonte: ZERO HORA, 1969, p.1

Figura 5 - Morte e desespero

Lá se nasce e se morre do mesmo jeito: sem assistência. Médico, quando vem, não quer esperar nem um pouquinho. E falta água, falta condução, falta telefone, falta tudo.

MORTE E DESESPÊRO É SÓ O QUE SOBRA NA RESTINGA

Quando a ambulância chegou, ontem, no pôsto policial da Vila Restinga, não havia ninguém. Uma placa indicava que os policiais estavam na vila, trabalhando. Eles viram e acenaram para a ambulância, que fêz a volta e retornou para a cidade. Porque a ambulância não esperou os PMs nem cinco minutos, o homem que deveriam socorrer, morreu. A morte de Rosalino da Silva, aposentado do Instituto Nacional de Previdência Social, além de desesperar sua mulher, filhos e amigos, confirmou o que muitos moradores da Vila Restinga vivem dizendo: "Estamos confinados num verdadeiro campo de concentração, a 20 quilômetros de Pôrto Alegre"

ROTINA

Há dias atrás, outro homem morreu em idênticas condições. Naquela oportunidade, a ambulância chegou à porta da casa do doente, mas o médico recusou-se a socorrê-lo "por não se tratar de caso de urgência", disseram os moradores. Tinha câncer, morreu poucas horas depois. Sem assistência. Ontem foi a vez de Rosalino da Silva. Quando os habitantes da Vila Restinga dizem que a falta de assistência tornou-se rotina, êles não pensam só nas mortes que têm ocorrido. Há o caso de Marli Sousa, uma negrinha de 16 anos que deu à luz um menino embaixo de uma árvore, ao meio-dia de quinta-feira. Estava esperando o ônibus para procurar um hospital que a recebesse. Mas só chegam à Restinga cinco coletivos por dia. A criança nasceu sem auxílio sequer de uma parteira. Um barbeiro prestou assistência durante o parto. Depois, ela foi levada para seu casebre. Está lá, esperando se recuperar para procurar um médico.

ISOLADA

Depois do último ônibus, às 21 h, Restinga fica mais isolada. Raramente um táxi vai lá. Não há radiocomunicações ou telefone no pôsto policial. O chefe do pôsto, PM Morrudo, muitas vêzes teve que caminhar mais de uma hora para chegar a Abertas do Morro, onde o destacamento da Brigada Militar tem telefone. Só que quase sempre os telefonemas não adiantam, ninguém quer ir à Restinga. Quando as ambulâncias vão, acontece como ontem: negam-se a socorrer os pacientes.

É por isso que o PM Morrudo pensa até "em desertar daqui e ir para o quartel, na cidade. Lá a gente não vê tanta coisa sem poder fazer nada". Ele acha que não adianta o esfôrço que faz se não tem, ao menos, uma viatura. "Agora, ainda por cima, nos diminuiram o efetivo — diz Teixeira, outro PM. De quatro, ficamos em três".

POLÍTICA

Antes das eleições diàriamente distribuiam água na Vila Restinga. Agora, só uma ou duas vêzes por semana. Um refetório que alimentava muitas crianças, foi fechado porque "não há mais verba para transportar os legumes para a Restinga". Os moradores dizem que tudo é política "O homem que se dizia desinteressado quando nos auxiliava, perdeu as eleições, por isso cortou tudo".

Antes de Rosalino da Silva morrer, quando ainda esperavam que a ambulância voltasse, muitos ficaram perto da casa 52 da rua E. Uma menina mordida por um cão raivoso, uma mulher cheia de varizes, junto com outros doentes achavam que, com a vinda da camioneta branca, os enfermeiros, distribuiriam medicamentos. A ambulância não voltou. Rosalino morreu. Os outros ficaram lá. Esperando pelo socorro que não veio.

O filho de Marli nasceu debaixo de uma árvore.

Ontem de tarde, quando a ambulância chegou e foi embora, Rosalino ainda estava vivo.

O FILME DE ROMAN POLANS

VOCÊ ENTENDE DE VAMPIROS? VALE A PENA! É DIVERTIDO

"A DANÇA DOS VAMPIRO

Fonte: ZERO HORA, 1969, p. 13

2.1.2 Cenário Atual

A história de formação da Restinga faz com que ela tenha o status de comunidade. De acordo com Baumann (2003), comunidade é o lugar seguro, de confiança, e segundo Daniel (2005, p. 130, tradução própria) "[...] conjunto de pessoas unidas por um lugar, circunstâncias semelhantes, história ou interesses comuns e / ou ligações espirituais (religiosas)"[2]. Olhando a história da comunidade é possível observar que a Restinga era o lugar do pertencimento, da unidade, de uma mesma história, apesar de tantas dificuldades. Os moradores estavam unidos por um acontecimento e haviam passado pelas mesmas situações de luta. Tempos depois, ao se formarem novas vilas, cada uma com características próprias, os moradores não deixavam de fazer parte do todo que os unia, justamente por terem passado por um mesmo processo de êxodo.

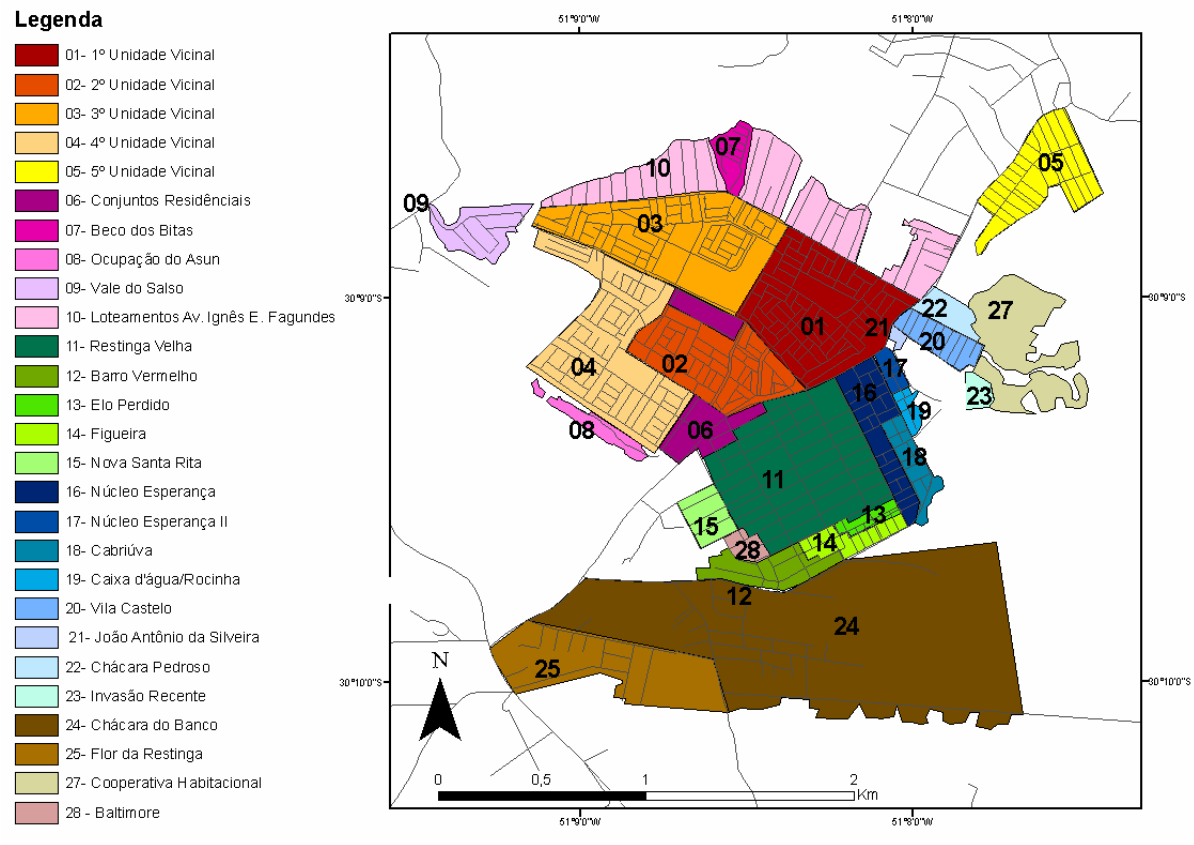
Sendo assim, mesmo habitando diferentes localizações dentro da comunidade, cada uma com nome e características específicas, tanto de formação quanto de vivência, há o sentimento de unidade, de amizade e de acolhida entre os moradores, presente até hoje. Isso fica evidente no título de *Tinguerreiro* (ESTADO MAIOR, 2013) dado enredo da escola de samba Estado Maior da Restinga no ano de 2012, para os moradores que a cada dia lutam para viver, lutam para sobreviver, atesta este fato.

A Restinga atualmente é dividida por vilas, identificadas na figura 6 por um mapa de 2009, no qual são mostradas as divisões territoriais presentes no bairro. Ao centro do mapa, a avenida principal, João Antonio da Silveira, faz a primeira grande divisão, entre Restinga Velha e Nova Restinga, oriunda da década de 70. Os moradores da Restinga Velha são os que primeiro chegaram, sendo removidos sem estrutura alguma, e os da Restinga Nova, aqueles que chegaram através do projeto habitacional, o maior do Brasil na época. Esta primeira divisão do bairro foi responsável por algumas questões de identidade, marcando o sentimento de pertença de cada região.

> As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas *simbólicos* de representação quanto por meio de forma de exclusão *social*. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade *depende* da diferença. (WOODWARD, 2007 p. 39)

[2] "[…] collection of people who are unified by place/locality (or not), similar circumstances and/or history, shared interests and/or spiritual linkages".

Figura 6 – Mapa da Restinga



Fonte: GAMALHO, 2009, p. 21

Woodward (2007) vai apresentar a identidade como algo que difere entre *nós e eles*. A comunidade da Restinga passa a se distinguir da população de Porto Alegre, criando assim uma identidade própria, surgida a partir da diferença de formação do bairro: *nós* fomos removidos para longe do centro e não temos estrutura alguma, *eles* estão no centro e possuem tudo que necessitam.

A Restinga conta hoje com uma população três vezes maior do que a pensada inicialmente, necessitando ainda muito que conquistar para ser um núcleo autossuficiente como a denomina a prefeitura do município.

Para melhor explicitar o contexto do bairro, considero pertinente apresentar alguns dados demográficos e sociais retirados do Anuário da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, publicado em 2011 e do site Observa POA. Inicio pelo número de habitantes da comunidade que, pela última contagem, chega a 60 mil habitantes, sendo o terceiro bairro mais populoso do município. Quanto ao índice de vulnerabilidade social, o bairro está na 15º colocação dentre os 83 bairros apresentados. Cerca de 4.130 famílias sobrevivem com a renda de 1/2 salário mínimo e 1.094 famílias sobrevivem com um 1/4 de salário mínimo. São analfabetos 1.789 moradores da comunidade (PORTO ALEGRE, 2013).

A violência é uma das características marcantes da comunidade, mesmo sendo o bairro um dos territórios de paz[3] da cidade de Porto Alegre. Durante o ano de 2013, a Restinga foi manchete em diversos meios de comunicação (ZERO HORA, 2013), com destaque para os homicídios causados pelo tráfico de drogas. No ano de 2010 foram 16 homicídios, e em 2011 foram 30; de um ano para outro o número dobrou. O total de homicídios em Porto Alegre no ano de 2011 foi de 522 (CENTRO BRASILEIRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS, 2013). Até setembro de 2013 a taxa de homicídios era de 310 pessoas. Para quem é de fora, percebe a Restinga como um bairro extremamente violento, tornando-o assim estigmatizado perante a população de Porto Alegre, sendo reconhecido apenas pelas violências.

Apesar de tantos problemas sociais sem solução, inúmeros condomínios vêm sendo construídos e milhares de pessoas continuam chegando para morar na Restinga, tornando a questão da moradia uma das principais necessidades da comunidade. Esta demanda foi elencada em primeiro lugar no último Orçamento Participativo (PORTO ALEGRE, 2012)[4] e em terceiro no penúltimo. A política do Governo Federal, Minha casa, Minha vida (CAIXA ECONOMICA FEDERAL, 2013), fez com que muitas famílias tivessem a possibilidade de adquirir a casa própria, e com isso houve a construção de diversos condomínios na comunidade.

A história continua se repetindo, pessoas continuam sendo removidas para o bairro, colocadas às margens. Se não acontecem manifestações por parte das associações presentes no bairro, transporte, educação, segurança e saúde não chegam à Restinga. Nos dias atuais, os moradores ainda não têm sua tão sonhada dignidade, porém não desistem da luta diária para a conquista e garantia de direitos. É uma história poética, cheia de encantos e desencantos. Digna de ser apresentada aos moradores e trabalhada em sala de aula, em especial nas escolas da própria comunidade.

2.2 A Escola

A escola onde foi realizado o estágio é pública e estadual. Teve seu decreto de fundação em 1977, e desde então passou por diversas mudanças de nomenclatura e metodologia de ensino. O prédio está localizado na zona sul de Porto Alegre, no bairro Restinga.

---

[3] São áreas da cidade que se propõe a realizar ações para redução dos altos índices de violência letal, envolvendo jovens entre 15 e 29 anos.

[4] O Orçamento Participativo é um processo pelo qual a população decide, de forma direta, a aplicação dos recursos em obras e serviços que serão executados pela administração municipal.

A rua onde se encontra o prédio da escola é asfaltada, diferente da maioria das ruas do bairro. Nas proximidades da escola, há outras duas escolas: uma de educação infantil e uma de educação especial. Há também mercado, farmácia, centro comercial, igrejas, salão de festas e o terminal de ônibus, tornando assim a localidade da escola um dos pontos centrais na comunidade. Sua localização ocupa todo um quarteirão. A área construída está centralizada, possui grade e tela (figura 07 e 08). Assim fica na volta do prédio um grande pátio coberto por árvores e grama, que está fechado e não é utilizado pelos alunos por questões de segurança. Esta cerca foi uma medida necessária há alguns anos devido ao tráfico de drogas que ocorria entre os alunos que estavam do lado de dentro e os traficantes que estavam do lado de fora da escola.

Figura 7 – Pátio da escola 1

Fotografado pela autora

Figura 8 – Pátio da escola 2

Fotografado pela autora

Na escola estudam aproximadamente 1400 alunos, 70 professores e 10 funcionários. Há o conselho escolar composto por todos os segmentos: alunos, professores, funcionários e pais. Também os responsáveis pelos alunos estão articulados compondo a associação de pais e mestres, reunindo-se uma vez por mês. Não existe uma organização própria dos alunos como grêmio estudantil.

Atualmente a escola conta com quatro formas de metodologia de ensino, devido às reformas no ensino fundamental e médio. Estas metodologias refletem na falta de unidade dos projetos de trabalho realizados e também nas avaliações, sendo uma reclamação constante dos professores terem que realizar uma avaliação mascarada uma vez que é necessário passar todos no final do ano, os alunos tendo ou não feito as atividades.

2.2.1 A turma

A turma que propiciou estas reflexões é uma oitava série do ensino fundamental antigo. Esta modalidade de ensino foi reformulada sendo atualmente chamada de Ensino fundamental de nove anos. O Ensino Médio também está passando por uma reestruturação curricular, no qual está sendo implantado o Ensino Médio Politécnico que se utiliza do Seminário Integrado e Avaliação Emancipatória.

> A proposta basicamente se constitui por um ensino médio politécnico que tem por base na sua concepção a dimensão da politecnia, constituindo-se na articulação das áreas de conhecimento e suas tecnologias com os eixos: cultura, ciência, tecnologia e trabalho enquanto princípio educativo. Já a educação profissional integrada ao ensino médio se configura como aquisição de princípios que regem a vida social e constroem, na contemporaneidade, os sistemas produtivos. (RIO GRANDE DO SUL, 2011, p. 04)

A reforma é causa de indignação dos alunos por acreditarem que há a substituição de *matérias importantes*, que são conteúdos do vestibular, pela disciplina de *seminário de projeto*, que muitas vezes não é bem conduzida devido à falta de formação do professor ministrante. A reforma também foi pauta da última greve de professores do Estado que, entre outras demandas, também solicitava a revisão no novo Ensino Médio.

Neste contexto de mudanças está inserida a turma 81, a oitava série número um da escola que, porém, é "a pior de todos os tempos" e que "já foram melhores em anos anteriores", segundo relatos dos professores. Nesta turma os alunos variam de 14 a 17 anos sendo no total 32 adolescentes - 17 meninos e 15 meninas. Existe grande diversidade de gostos e estilos[5]. As meninas em geral são preocupadas com a aparência, o que é próprio da adolescência. Os meninos ligados à cultura *pop rock*, sempre com roupas escuras. Dentre os acessórios utilizados pela maioria da turma está o fone de ouvido ligado ao celular, o uso do boné pelos meninos e o padrão xadrez presente em roupas, mochilas ou tênis. Há um aluno que aprecia a cultura gaúcha, um grupo que gosta do estilo *funk* e uma menina natural do nordeste, fã da Banda Calypso. Estão alheios às discussões sobre ensino médio e pouco preocupados em concluir o curso fundamental. Alguns ainda são crianças que pensam em brincar. Toda esta diversidade presente neste grupo torna-o um universo multicultural:

[5] As especificidades da turma foram observadas pela autora na primeira fase do estágio.

> O “arco-íris de culturas” em nossas escolas faz com que o trabalho docente seja mais complexo, mais difícil mesmo. Demanda considerar como se faz viável despertar o interesse de aluno/as tão diferentes, atender as especificidades de distintos grupos, problematizar relações de poder que justificam situações de opressão, assim como facilitar a aprendizagem de todos/as os/as estudantes. Ao mesmo tempo, a multiplicidade de manifestações culturais e de identidades torna a sala de aula rica, estimulante, desafiante. (STOER e CORTESÃO, 1999 *apud* MOREIRA e CÂMARA, 2008, p. 46)

Dar conta deste mundo plural é tarefa bastante complicada, e se torna difícil agradar a todos, instigando o docente a buscar meios de trabalho mais próximos possíveis da realidade dos alunos, para haver significado naquilo que está sendo estudado. Refletindo sobre estas questões decidi trabalhar em sala de aula a história de formação do bairro, e logo em uma primeira visita percebi que a temática seria bastante pertinente. Ao conversar com a coordenação pedagógica não disse ser moradora do bairro. Foi solicitado que eu preenchesse uma ficha, e no campo *bairro* de localização da escola, qual minha surpresa quando, ao colocar somente como *Restinga*, a professora que me atendia pediu o nome completo: *Restinga Nova*, dizendo: “se não coloca completo dá problema, o pessoal não entende”.

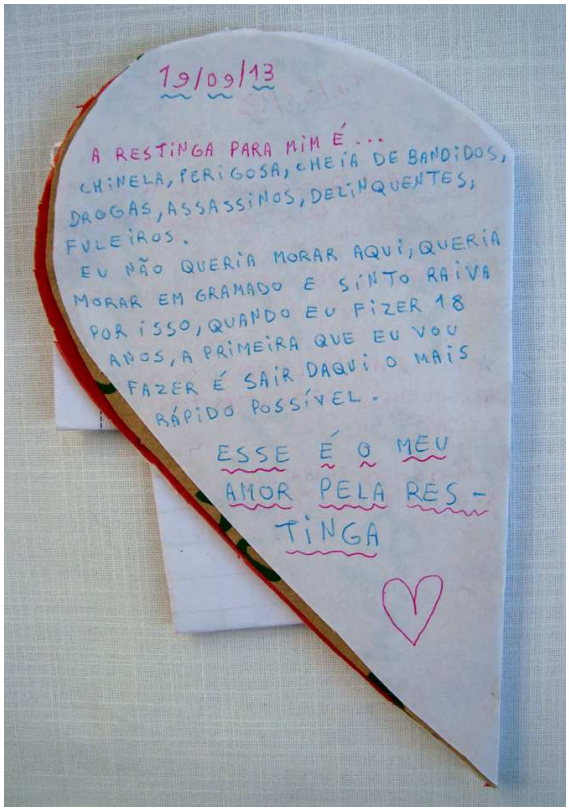
As duas Restingas, não se pode negar, passaram por histórias de formação diferentes, e estas características marcam as identidades presentes em cada uma, pois, como pensa Kathryn Woodward (2007, p. 41), a identidade é formada pela diferença: “As formas pelas quais a cultura estabelece fronteiras e distingue a diferença são cruciais para compreender as identidades. A diferença é aquilo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções, frequentemente na forma de oposições[...]”.

A identidade formada pela diferença é marca tanto quando estabelecemos relação entre a Restinga com Porto Alegre, como quando estabelecemos relação dentro das vilas que compõe o bairro. Quando o assunto é local de moradia, há divergência entre os alunos, causando até certas discussões sobre qual vila ou beco é o pior de se morar. Trabalhar isso junto a eles ressaltando as diferenças não gera significados ou conhecimentos.

Acredito que a mudança ocorra quando não exaltamos a diferença, mas sim aquilo que se tem por igual. Ivone Mendes Richter (2008, p. 87) ao relembrar Ana Mae Barbosa coloca que é necessário que se tenha uma visão multicultural para o ensino da arte, reforçando “[...] a herança artística e estética que os alunos possuem a partir de seu meio ambiente”, porém: “se essa proposta não for bem conduzida, pode criar guetos culturais e manter grupos amarrados aos códigos de sua própria cultura sem possibilitar a decodificação de outras culturas”.

A diferenciação da Restinga não passa só pelos professores, mas também pelos alunos, como é possível ver na figura 9, relato da aluna 3[6], não foi somente uma vez em que ouvi reclamações sobre o bairro e o quanto é ruim morar e estudar na Restinga.

Figura 9 – Esse é o meu amor pela Restinga! – aluna 3



Fotografado pela autora

Considero que parte deste preconceito vem do não pensar o bairro e perceber o quanto de riqueza a comunidade possui. Lembro que meu objetivo não é modificar os preconceitos que existem, mas sim a partir da história possibilitar outra percepção, em que os alunos tenham as condições para construírem algo sem repetir preconceitos estabelecidos pela mídia, ou por outras pessoas. Portanto, neste texto busco aprofundar as questões que relaciono com o meu fazer docente, que é a interligação entre a comunidade e as raízes que ajudaram a moldar as identidades refletidas nos seus habitantes - meus alunos -, bem como observar de que maneira estas forças atuam na sala de aula.

As aulas de artes na escola, percebi durante as observações, são baseadas no cumprimento de tarefas. Os alunos recebem a instrução do que deve ser desenhado e

[6] A tabela com os relatos completos dos alunos está no apêndice A deste trabalho os escritos dos alunos mantém o original.

executam. Não há espaço de conversa com relação á produção e poucas referências de artistas compõem o acervo pessoal de cada aluno.

Durante meus anos de formação em arte-educação percebi por diversas escolas pelas quais passei que os períodos de artes visuais, em grande parte dos casos, eram vistos como espaço de lazer:

> Como disciplina, é aquela que não precisa de provas, a que quase não consegue rodar alguém, a "menos importante". Agenciamento limítrofe que opera nas bordas do currículo, a arte é matéria menor, sem status disciplinar. Muitas vezes vale qualquer coisa, desde que se trabalhe. "Matéria que não tem 'matéria'", torna-se a "aula que dá para fazer bagunça". (ZORDAN, 2007, p. 285)

Além de espaço para o livre fazer, também é lugar de produção de decoração para escola nas épocas de festividades: bandeiras de São João, cartão de Dia das Mães, e flores na primavera, quando não, espaço de livre expressão, desenhos livres ou imagens prontas para colorir de coelhos durante a Páscoa e Papai Noel na época natalina.

Por tudo isso, é preciso estar sempre em constante transformação, "Belas Artes, Desenho, Artes Aplicadas, Educação Artística, Expressão Plástica, Artes Plásticas, Arte-educação" (ZORDAN, 2010, p. 85), assim como as artes que passaram por tantos nomes e formas de ensino, o mais importante é não estagnar no tempo nem no espaço, buscar sempre novas alternativas e pensar sobre estas alternativas, não somente executá-las, para que assim ocorra a mudança.

Daí a importância da arte-educação na vida do ser humano em desenvolvimento, para que este possa ter uma formação integral. A arte é mediadora entre a pessoa e o mundo, é também responsável pela expressão, é ferramenta e constrói conhecimento, por isso tão essencial na educação.

3 MUDANÇAS

Quanta mudança alcança o nosso ser
posso ser assim daqui a pouco não...
(ANITELLI, 20-?)

Eu prefiro ser, essa metamorfose ambulante...
(SEIXAS, 19-?)

Mudança: ato de mudar. Mudar: pôr em outro lugar, dispor de outro modo, remover, deslocar, dar outra direção, desviar, transferir, substituir. (FERREIRA, 2009, p. 1369)

Esperar mudanças, sempre esperamos. Algo que venha e nos transforme, espera-se algo de outro lugar, quando na verdade mudar cabe a cada um. Esperar mudança em um projeto de ensino pode ser algo bom, mas também pode apresentar-se como algo desafiador, de certa forma até como perda de controle, quando as coisas não saem como desejamos e o planejado escapa e deste escapar desdobra-se e é preciso voltar e perceber onde está a dobra escapada.

Neste capítulo apresento o projeto de trabalho como ele foi pensado inicialmente e como ele ficou ao final, há a análise refletindo sobre algumas questões despertadas ao longo do processo, dentre elas se a história de formação do bairro provocou alguma mudança na visão dos alunos e quais mudanças foram estas.

A reflexão será feita a partir de algumas produções de trabalhos e escritos realizados pelos alunos no livro das memórias, também das experiências vivenciadas durante o estágio II, buscando relacionar estes ocorridos com alguns teóricos pesquisadores sobre o trabalho em sala de aula partindo do contexto do aluno.

3.1 O projeto inicial[7]

A construção do projeto de ensino foi baseada na pedagogia de projeto segundo Fernando Hernandez (2000, p. 179) “[...] um enfoque de ensino que tenta ressituar a concepção e as práticas educativas na escola”. O projeto *COMUNIDART-TINGA – Arte na*

[7] O projeto de ensino inicial encontra-se no apêndice B deste trabalho.

Comunidade da Restinga pensado para ser desenvolvido com as turmas do estágio, tem este enfoque.

O projeto partiria da realidade do aluno e no planejamento inicial estava dividido em três fases as quais apresento de forma resumida a seguir. Na primeira fase os alunos buscariam resposta à pergunta: *quem sou eu*, através de disparadores, como: preferências musicais, comidas, cores e disciplina escolar; dinâmica e leitura de imagens de autorretratos. Tudo isso para produção de um modelo base para o livro das memórias, o qual serviria durante o processo para registros das aulas e na avaliação final.

Na segunda etapa aconteceria o trabalho a partir da escola, redescobri-la com outro olhar. A proposta era fotografar e fazer intervenções procurando dar outro sentido ao local partindo de um ângulo nunca visto, ou não percebido antes. Propor aos alunos a reflexão sobre o fato de haver uma grade e uma cerca e entre elas um imenso espaço ocioso.

Na terceira etapa o trabalho giraria em torno da comunidade. Seriam discutidas questões da formação do bairro, quem são e como chegaram os primeiros moradores, que fatos existem daquela época e quais foram as dificuldades encontradas. Iniciar percebendo a origem histórica, para então poder gerar uma nova percepção com relação á Restinga.

Repensar práticas educativas já impregnadas na escola não é tarefa fácil. Precisa-se lidar com um sistema já posto, no qual todos os agentes envolvidos desempenham muito bem o papel para o qual foram convocados: alunos, pais, professores e direção. Entrar neste sistema na tentativa de romper, ou ao menos causar certo efeito de transformação é algo complexo. Pensa-se em provocar algum tipo de impacto, há a utopia de que a mudança virá, porém não é tão simples assim.

3.2 Análise do projeto

O projeto idealizado ficou no papel. A aula inicial ocorreu como planejada, com a apresentação dos alunos e alguns jogos de integração; as demais, ou não foram executadas ou precisaram ser reformuladas conforme as semanas iam passando. A razão disso: o tempo da escola e a adaptação com a turma não acompanharam os passos do plano de ensino.

A análise a seguir é baseada nas construções identitárias dos alunos e nas questões sobre a comunidade: como foi o processo de descobrimento da história? Que aprendizados foram construídos ao trabalhar sobre a Restinga, uma vez que para eles isso não era assunto de interesse e não valia a pena ser discutido? Como partir de algo que está próximo ao aluno pode fazer sentido para o processo da produção de conhecimento?

3.2.1 Identidades na sala de aula

Nas primeiras aulas foram trabalhadas questões sobre identidade, entre as dinâmicas utilizadas estava o retrato chinês[8]. Havia a pergunta *e se eu fosse uma obra de arte*. Meu objetivo com esta questão específica era realizar uma sondagem a cerca do que os alunos conheciam. O espanto surgiu ao perceberem que não conheciam nenhuma obra de arte. Foi quando um aluno gritou *Monalisa* – e assim todos os outros copiaram a mesma resposta.

A partir deste fato surgiram dois pensamentos: primeiro, a falta de conhecimento em arte por parte dos alunos reforçou minha ideia de apresentar novas obras e artistas; segundo, o medo de ficar sem responder ou copiar a resposta para assim haver aceitação pelo grupo, é uma característica própria da adolescência. (CALLIGARES, 2000)

Outra situação de cópia foi a criação do modelo de representação, base para o livro das memórias. Houve dificuldade mesmo após terem escrito algo sobre si, e já pensado meios de como se representar. Na sequência há grupos de livros criados um a partir do outro (figuras 10,11 e 12). Um colega via o que o outro fazia e copiava. Houve resistência quando solicitei que experimentassem criar algo seu e não uma cópia do colega.

Os grupos de livros apresentados estão divididos entre livros borboleta, livros coração dos meninos e livro das letras, este último surgiu da ideia de um aluno que decidiu criar o livro partindo da primeira letra do seu nome e assim todos do grupo fizeram igual.

Figura 10 – Livro borboleta – alunas 8, 10, 12, 22 e 23

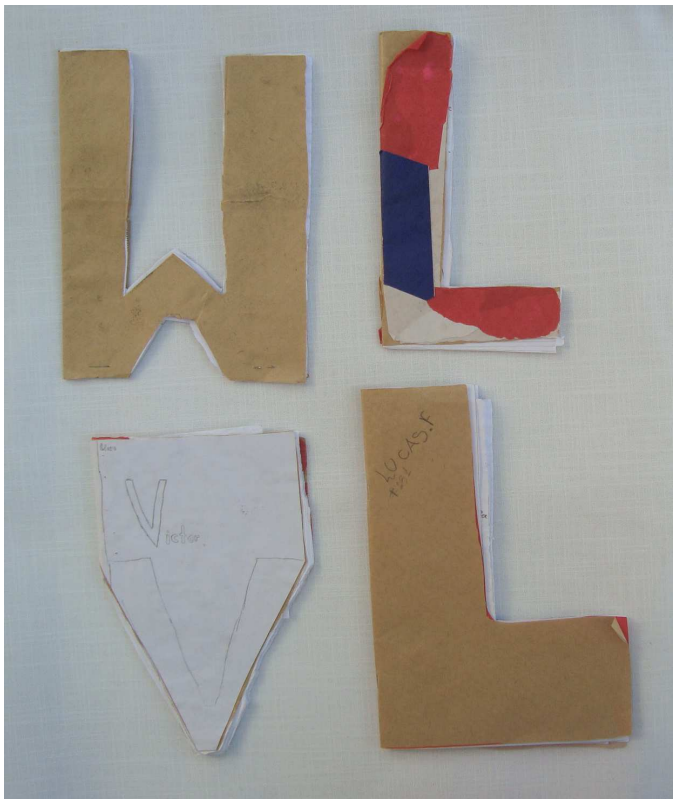
Fotografado pela autora

[8] Dinâmica na qual os alunos completam diversas frases se auto definindo em comparação a algo, como por exemplo: *se eu fosse uma roupa, seria uma saia.*

Figura 11 – Livro coração meninos – alunos 7, 16, 27 e 29

Fotografado pela autora

Figura 12 – Livro letras – alunos 15, 18, 29 e 31



Fotografado pela autora

Figura 13 - Livros originais – alunos 1, 2, 4, 5, 6, e 18

Fotografado pela autora

Nestas produções algum aluno tinha a ideia e os outros do grupo copiavam. Houve também os alunos que criaram formas próprias, rompendo com as opiniões do grupo do qual faziam parte (figura 13).

> A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-os como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos (WOODWARD, 2007, p. 17)

Na sala de aula essa representação simbólica vai além da maneira de vestir e falar, se estende no uso de acessórios como mochilas, bonés ou capuz e cabelo longo nas meninas; enfim, um mesmo tipo de identificação. Nas aulas de artes isso pode se dar, através da produção dos trabalhos. Para um aluno ser aceito por um grupo será preciso uma significação simbólica deste mesmo grupo, no caso do livro das memórias fazer igual foi uma forma de provar pertencimento. Outros fatores podem ser colocados em questão como: preguiça em pensar outro modelo, ou mesmo, limitação na experimentação de outros formatos, porém, havia modelos bem mais simples de serem copiados, porque então os conjuntos de livros iguais pertenciam a alunos que sentavam nos mesmos grupos de trabalho?

Woodward (2007, p. 09) apresenta, entre outras características, que a identidade é simbólica, marcada por símbolos. O mesmo jeito de ser e estar marca uma tendência ou uma facção. Nós somos assim, vocês são diferentes. Alguns alunos buscaram fazer os mesmos

modelos de livros dentro dos grupos de afinidade. Identificar é buscar ser reconhecido, se faço o mesmo que meu colega, permaneço no mesmo grupo e sou aceito. Silva (2007) apresenta a identificação como um processo de articulação, uma *suturação* e *sobredeterminação*, isto é, uma costura de partes de um todo.

Ao propor a reflexão a partir da pergunta *quem sou eu*, relaciono que a produção de identidade como simbólica ou social (WOODWARD, 2007, p. 10), está presente na turma trabalhada a partir da concepção do aluno ao responder quem é, tendo por base o uso de um tipo de roupa, música, comida e modo de ser.

Ballengee-Morris, Daniel e Stuhr (2008, p. 271) apresentam a marca de uma identidade cultural pessoal como fonte de discriminação. Alunos não pertencentes ao mesmo grupo ou com estilos diferentes tendem a ser discriminados. Mesmo havendo reciprocidade e acolhida entre moradores na comunidade, às vezes morar em diferentes lugares dentro da Restinga, ou misturar-se com outros grupos de pessoas pode ser motivo para discriminação.

3.2.2 Percebendo a Restinga

O assunto Restinga começou a ser trabalhado partindo da obra *Você me da sua palavra* de Élida Tessler. Solicitei aos alunos que montassem o maior número possível de palavras com um conjunto de 8 letras pré definidas, embora eles não soubessem o objetivo final, juntando todas se formaria o nome do bairro, Restinga. Cada grupo ganhou um conjunto e o desafio foi lançado (figura 14). Nenhum grupo atingiu o objetivo e precisei apontar a posição de algumas vogais

Figura 14 – Conjunto de letras

Fotografado pela autora

Um grupo de meninas descobriu e quando disseram *Restinga*, a frustração foi total, “ah, era isso sora!” Após este jogo solicitei que os alunos pudessem realizar um segundo registro no livro das memórias o qual deveria completar a frase: a Restinga para mim é... porque...

Ao realizar a análise das respostas[9] pude separá-las em quatro grupos:

a) somente definições positivas;

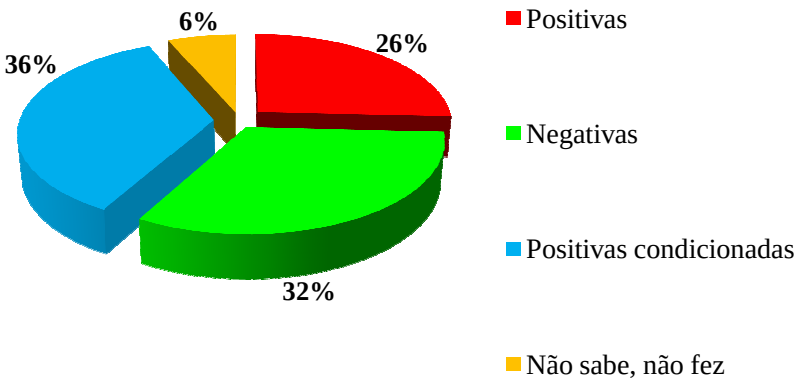
b) somente definições negativas;

c) definições positivas condicionadas;

d) não fez a atividade ou não sabe (figura 15).

Considerei como respostas positivas: “a Restinga pra mim é importante, porque é onde eu nasci” e “a Restinga pra mim é legal”. Respostas negativas: “a Restinga para mim é horrível muito ruim, porque tem muita violência e drogas e é lugar de gente maloqueira” e “a Restinga para mim é uma porcaria, porque é só violência”. Respostas positivas condicionadas: “é um lugar ótimo para morar, bem centralizado. Só que estraga infelizmente é as violências que são demais. Mas tirando isso a Restinga é um bairro bom” e “a Restinga pra mim é um bairro comum, só temos que manter cuidado, mas eu gosto da Restinga”.[10]

Figura 15 – Gráfico opinião Restinga



Elaborado pela autora

O gráfico apresentado mostra que praticamente um terço da turma considerava o bairro ruim, e se somarmos as definições negativas com as positivas condicionadas temos mais da metade da turma apontando a Restinga como um bairro ruim.

[9] As respostas mantiveram a grafia original, sem correções.

[10] As demais definições estão no apêndice A deste trabalho.

Das características negativas a violência é a principal, seguida de assalto, morte e drogas. Em um dos livros uma aluna relata a seguinte história:

> *No dia 02 de junho de 2012, ás 16h30 mataram minha amiga Caroline Tito. Foi uma judiaria, foi morta á toa, pelo fato de ter ido num lugar os amigos dela aquelas coisas que hoje em dia é muito comum na Restinga, o tal dos "contra". O sofrimento da família e dos amigos são muito difícil de superar mas sabemos que com o tempo a dor irá amenizar. (aluna 12)*

Nas aulas seguintes o assunto continuou sendo o bairro, porém a atividade proposta foi apresentar a comunidade para quem não conhece; os alunos deveriam compor duas imagens as quais seriam transformadas em gravuras com caixas de leite. Uma com motivos para ir à Restinga e a outra com motivos para não ir à Restinga (figuras 16 e 17). As produções foram diversas, dentre os motivos apontados pelos alunos para ir ao bairro destaco a escola de samba da comunidade, as escolas, praças de lazer, por ser um lugar de pessoas simples, mas felizes com simples coisas. Dentre os motivos para não ir, alguns são: crimes, mortes, drogas e violência.

Figura 16 – Matriz gravura por que ir à Restinga – aluna 22

Fotografado pela autora

Figura 17 – Matriz gravura por que não ir à Restinga – aluna 08

Fotografado pela autora

Com estes trabalhos eu e os alunos tivemos um panorama aprofundado da opinião e vivências que eles possuíam com relação ao bairro. Houve também um exercício de percepção dos elementos positivos que o bairro possui, isso causou certo estranhamento, pois, no primeiro momento, apareceram os elementos negativos e muitos tiveram dificuldade em perceber o lado bom da vida no bairro.

> [...] práticas de arte/educação baseada na comunidade tem o potencial de promover mudanças pelo estudo crítico da arte local. O estudo da arte própria da cultura dos alunos como proposto pela arte/educação baseada na comunidade favorece o desenvolvimento de habilidades para interpretar, questionar e participar conscientemente na cultura e sociedade locais (BASTOS, 2005, p. 232)

O termo arte/educação baseada na comunidade tem muito a ver com este trabalho. Nos EUA há algumas iniciativas de trabalhar arte junto com a realidade da comunidade onde a escola está inserida. Esta forma de trabalho tem gerado resultados bastante satisfatórios nos locais onde é desenvolvida. Vesta Daniel (2005, p. 130-131, tradução própria) apresenta alguns pontos positivos ao se trabalhar arte/educação baseada na comunidade:

> Alinhando aprendizagem com os contextos da comunidade é uma forma de identificar o que as pessoas sabem de onde seu conhecimento veio e como ele está ligado à educação institucional de sucesso.[...] além de ser uma fonte de conhecimento que informa pedagogia, a comunidade pode funcionar como um local de resistência fornecendo matéria e comportamentos que convidam a um diálogo crítico. [...] Uma educação que honra o microcosmo da sociedade com uma educação baseada na comunidade prepara os alunos para o macrocosmo comunitário.[11]

Além destes pontos, outra característica do trabalho baseado na comunidade é o envolvimento que os professores precisam dispor para com a realidade do aluno "[...] Em muitos casos eles terão de aprender a tornar-se profundamente interessados nos contextos pessoais dos alunos, a fim de construir, integrar e envolver o conteúdo curricular. (DANIEL, 2005, p. 131, tradução própria)"[12]

Outro autor que aponta a importância de um professor presente à realidade do aluno é Paulo Freire (1996, p. 07), quando coloca da coerência em se relacionar o saber técnico, específico de cada docente a certas doses de carinho:

---

[11] Aligning learning with community contexts is a way of identifying what people know, where their knowledge came from and how it is connected to successful institutional education. […] In addition to being a source of knowledge that informs pedagogy, the community can function as a site/place of resistance by providing subject matter and behaviors that invite critical dialogue. […] Education that honors the societal microcosm of community-based education prepares students for the macrocosm of the world community.

[12] In many instances they will need to learn to become deeply interested in their students' personal contexts in order to build and deliver engaging curricular content.

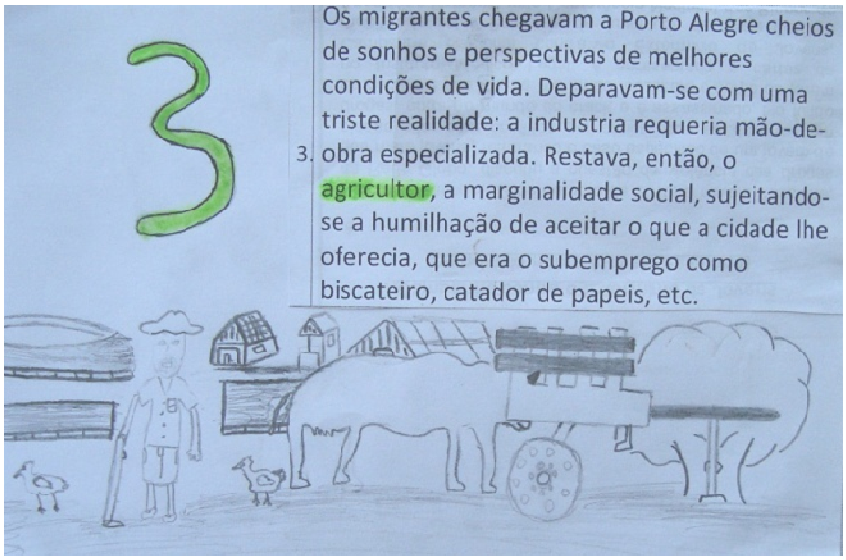
> A competência técnico cientifica e o rigor de que o professor não deve abrir mão no desenvolvimento do seu trabalho, não são incompatíveis com a amorosidade necessária às relações educativas. Essa postura ajuda a construir o ambiente favorável a produção do conhecimento onde o medo do professor e o mito que se cria em torno de sua pessoa vão sendo desvalados. É preciso aprender a ser coerente. De nada adianta o discurso competente se a ação pedagógica é impermeável à mudança. (FREIRE, 1996, p. 07).

De acordo com as definições de Vesta Daniel e Paulo Freire, percebi que o trabalho desenvolvido pode ser considerado um projeto de arte-educação baseado na comunidade, pois partiu da realidade dos alunos, sendo possível trabalhar suas próprias percepções desta realidade. Minha proximidade junto aos alunos enquanto *profestagiária*[13] contribuiu com a construção do conhecimento, uma vez que me importei com eles criando uma relação de afeto e cuidado.

3.2.3 Contando a história

Na aula central do projeto, na qual seria relatada a formação do bairro, fiz uma adaptação no texto do livreto Memórias dos Bairros (NUNES, 1990) que retrata a história da Restinga. Foram 32 pequenos trechos, onde cada aluno pôde trabalhar com um fragmento, criando uma composição contendo o texto e algum desenho (figuras 18 e 19).

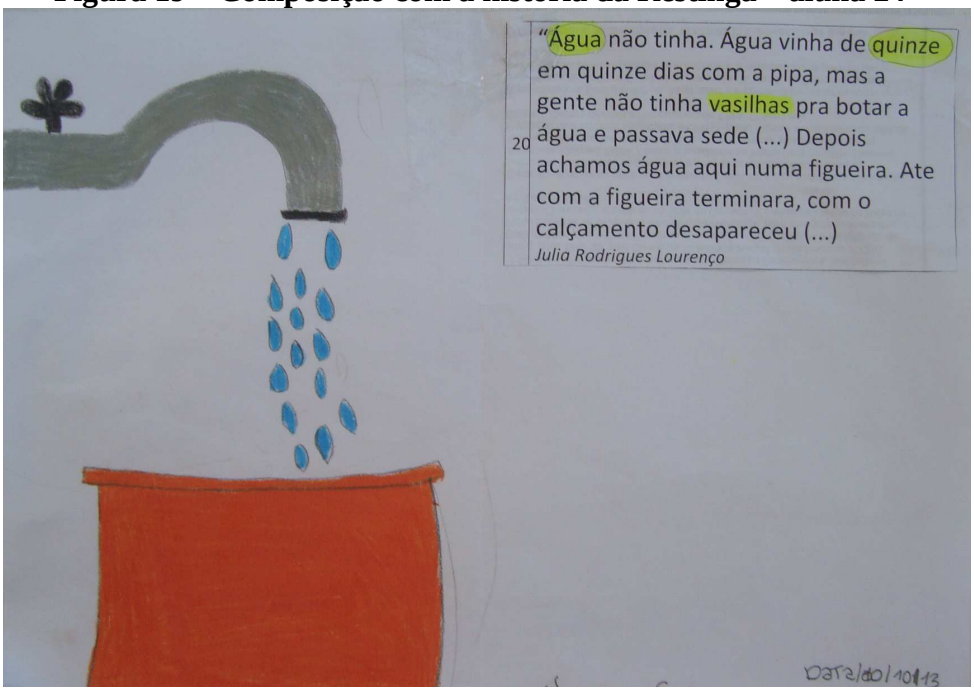
Figura 18 – Composição história da Restinga – aluno 20



Fotografado pala autora

[13] Palavra surgida junto as reflexões do estágio II.

Figura 19 – Composição com a história da Restinga – aluna 24



Fotografado pala autora

Quando os alunos terminaram os trabalhos, montamos um varal e cada aluno expôs sua produção, para este momento sentamos em círculo. Havia bastante agitação, porém na medida em que a história ia avançando algo aconteceu e o silêncio passou a reinar. Houve o perceber e o pensar como foi o surgimento da Restinga, que história era essa a qual cada um fazia parte por morar ou estudar neste local.

O ponto alto dessa aula foi chegar aos conceitos de *maloqueiro, marginal e vileiro.* Os alunos sabiam o que era uma maloca, porém nunca haviam parado para pensar na palavra maloqueiro. Ao dar-se conta que marginal é quem está às margens e compreender que a Restinga não está no centro, uma aluna exclamou: "sora, a gente é tudo marginal!"

Esta fala fez-me lembrar um trecho de Flavia Bastos (2005b) quando ela defende a importância de reconhecer a comunidade para despertar reflexões críticas. Quanto de significado fez para os alunos se darem conta de que palavras utilizadas no dia-a-dia em um sentido ofensivo tinham relação com as origens de formação do bairro e com sua própria situação.

Quando finalizamos as reflexões solicitei aos alunos responderem as seguintes perguntas: *conhecer a história da Restinga me fez pensar que... por isso a Restinga pra mim é...* Destaco algumas respostas tais quais foram escritas:

> *Saber da história da Restinga quem me fez pensar que o povo mora aqui sofreu e batalhou muito para uma melhor condição de vida, assim a Restinga pra mim é um lugar que tenho orgulho de morar apesar dos pesares. (aluno 02)*
>
> *Não conhecia a história ainda, o que mais me chamou atenção foi o esforço e o sofrimentos que todos passaram para conseguir sobreviver. (aluno 08)*
>
> *Saber da história da Restinga me fez pensar que não era tão fácil assim como hoje em dia, só tinha malocas agora já tem uma grande população de moradores. Assim a Restinga pra min é um bom lugar para morar agora tem mais praças campos de futebol etc. Não vou dizer que é calmo porque sempre tem umas violência mais em todos lugares tem isso. (aluno 10)*
>
> *Me fez pensar que tudo que começa lá de baixo um dia cresce e aumenta na vida. A restinga pra mim é um ótimo bairro com uma história linda (aluno 12)*
>
> *Saber da história me fez pensar que desde antigamente já havia criminalidade na restinga. (aluno 14)*

Desta análise é possível concluir que os alunos conseguiriam fazer uma leitura crítica do meio que os cercam e relacionaram os temas estudados buscando as referências no seu local de moradia. Esta associação, acredito, foi feita devido ao primeiro trabalho no qual os alunos apresentaram motivos de porque ir e porque não ir a Restinga. “Conectar arte e comunidade no cotidiano da arte-educação abre portas para uma forma politizada de ensinar, aprender e agir nas comunidades com as quais interagimos” (BASTOS, 2005b, p. 83). A conexão arte e comunidade mostrou resultados satisfatórios, pois, os alunos compreenderam a origem do bairro, o que se pôde deduzir com as respostas, bem como as situações sociais nas quais a Restinga está submetida e com isso poder refletir a cerca de algumas situações presentes.

A última aula trabalhada sobre a Restinga foi a produção da imagem do que ficou da história da comunidade (figuras 20 e 21). Nesta aula os alunos também tiveram acesso às reportagens antigas do bairro (figuras 1, 2, 3, 4 e 5) e puderam ver como a mídia retratava a situação na época, além das próprias fotografias de moradores e situações registradas em imagens.

> Através da Arte, é possível desenvolver a percepção e a imaginação para apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a capacidade criadora de maneira a mudar a realidade que foi analisada. [...] Desconstruir para reconstruir, selecionar, reelaborar, partir do conhecido e modificá-los de acordo com o contexto e a necessidade são processos criadores desenvolvidos pelo fazer e ver a arte, e decodificadores fundamentais para a sobrevivência no mundo cotidiano (BARBOSA, 2005, p.100).

A última produção dos alunos tem muito a ver com este trecho trazido por Ana Mae, em que a realidade e o meio ambiente são trabalhados na aula de arte. Os alunos, partindo de seu contexto, buscaram resignificar a história e assim inventaram novas construções.

Figura 20 – Malocas – aluna 2

Fotografado pela autora

Figura 21 – Agricultores – aluno 20

Fotografado pela autora

Avaliar o impacto causado aos alunos vai além do observável, porém pelas falas e desenhos percebe-se algo de novo acrescentado ao repertório deles e este resultado me satisfez. Pelos desenhos finais notei que os alunos puderam expressar a história a partir de sua própria realidade. Fernando Hernandez (2000, p. 119) refere: "[...] o objetivo de toda aprendizagem é estabelecer um processo de interferências e transferências entre conhecimentos que se possuem e os novos problemas-situações que se apresentam aos indivíduos". Esta produção de conhecimento aconteceu com o aluno que fez o desenho da figura 21. Na aula do relato sobre a origem da Restinga ele recebeu um trecho referente aos pequenos agricultores em processo de êxodo rural. Foi quando disse que seus pais haviam feito isso, saído do campo para a Restinga, e desse modo encontrou sentido entre as histórias e desenhou gado e plantação.

Os elementos relacionados pelos alunos sempre fizeram parte de suas vidas embora eles nunca tivessem se dado conta. Poder olhar sua realidade com outros olhos, perceber algo que sempre esteve ali e ao mesmo tempo não era visto com este enfoque, acrescentou novas possibilidades ao seu viver. A partir disso, houve alunos que modificaram sua visão com relação à comunidade, entendendo as dificuldades pelas quais passaram os seus fundadores. Isso não foi unanimidade, uma vez que outros reafirmaram a sua crença nos pontos negativos para explicar os problemas atuais. Meu papel foi de propor a reflexão, e as duas análises são pertinentes para conclusão do trabalho, pois de alguma forma o assunto afetou os alunos e isto representa a construção de conhecimento.

> O estudo da arte própria da cultura dos alunos como proposto pela *Arte-Educação Baseada na Comunidade*, favorece o desenvolvimento de habilidades para interpretar, questionar, e participar conscientemente na cultura e sociedade locais. (BASTOS, 2005b, p. 77)

O que Flavia aponta como perturbamento do familiar foi concretizado na turma 81. Houve um perturbar algo que já estava posto há muito tempo, isto é o que se entendia por Restinga. Quando se parte do contexto cultural dos alunos o resultado está na possibilidade em estabelecer um sentido, há a conexão com aquilo que foi proposto.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma bela viagem deu-te Ítaca.
Sem ela não te ponhas a caminho.
Mais do que isso não lhe cumpre dar-te.

Ítaca não te iludiu, se a achas pobre.
Tu te tornaste sábio, um homem de experiência,
e agora sabes o que significam Ítacas

(KAVÁFIS, Konstantínos, 1863-1933)

Termino por onde comecei, com o poema Ítaca. Esta bela viagem que fiz agora chega ao fim, ainda não sei dizer se me tornei sábia, porém algo aprendi, a boniteza está no caminho, não chegada.

Encarar como fim, fim de uma jornada é algo que pode ser extremamente dolorido, porém se encaro o fim como começo, a perspectiva fica muito diferente. É o término de um projeto, mas diversas questões se materializaram ao longo do processo, para algumas possuo resposta, para outras, não. Uma das que não possuo resposta é: se os alunos tivessem tido oportunidade de continuar no projeto passariam a perceber outras formas de arte dentro da comunidade, suas manifestações culturais, relacionando-as com outras formas de arte? Talvez assim eles pudessem encarar a arte como "[...] comprometida com uma ordem social mais igualitária, cujo estudo e conhecimento leve a uma maior conscientização" (BASTOS, 2005b, p. 72). Acredito que, se assim fosse em sala de aula, as mudanças aconteceriam.

Ao questionar-me sobre a origem da ideia de trabalhar a Restinga, devo responder que não sei. Talvez tenha sido algo que estivesse em mim desde sempre e tenha sido despertado ao final deste processo de conclusão de curso. Talvez tenha sido o convite sobre pensar minha trajetória onde tudo começou e de onde vim. Ou talvez ainda, tenham sido os próprios alunos, moradores e protagonistas desta história, carentes de conhecimento sobre sua realidade. Sei que o tema é algo que desafiou a mim e aos alunos. E é muito extenso ainda, se houvessem mais aulas, acredito, teria muito a ser discutido, como coloca Irene Tourinho (2009, p. 270) "[...] este é um 'trabalho em construção' como o é todo trabalho de aprendizagem e ensino..." Por isso concluo que este trabalho não termina aqui, acredito haver sequência, seja no trabalho direto na comunidade em escolas, ou projetos como o "mais educação", seja através de pesquisa.

Aprendi que a mudança, por mais que seja dolorida, acaba por transformar-se em acerto, assim foi com o projeto de ensino final do estágio. Constatei que ficou totalmente do avesso, houve falhas, e em determinados momentos foi preciso um recálculo de rota. A mudança que eu esperava de fora, da visão que os alunos tinham da comunidade, além de ocorrer neles, ocorreu também em mim ao perceber que muito ainda tenho á aprender.

Ao olhar novamente para o trabalho já finalizado percebo que a história da Restinga também está em mim, uma vez que moro e luto por este local, acreditando que é possível haver a transformação, pois como diz o provérbio africano: "*muita gente pequena, em muitos lugares pequenos, fazendo coisas pequenas, mudarão a face da terra"* (LUCCAS, 2013).

Finalizando este processo, pude constatar, conforme Daniel (2005), Bastos (2005a) e outros, sobre a importância da arte educação a partir da comunidade, uma vez que esta permite ao aluno conhecer o mundo pela sua realidade, entendendo suas verdades tomando consciência de suas possibilidades e problemas. E por isso concluo que trabalhar a partir do contexto do aluno funciona, por mais que no início possa haver resistência, ao final há o enlaçamento de saberes, tanto por parte do professor quanto por parte do aluno.

> A dinâmica e a interação dos conceitos de história, herança, tradição e cultura precisam ser definidas de uma perspectiva sócio-antropológica para facilitar a compreensão da arte multicultural e da educação-cultura visual. A *história* pode ser considerada como história oral ou escrita de um passado particular. Isto é, o passado de experiências coletivas de grupos socioculturais. (BALLENGEE-MORRIS; DANIEL; STUHR, 2008, p. 270)

Concluo que sim, foi possível trabalhar em arte-educação a história de formação de um bairro e conseguir novas percepções dos alunos. Portanto o que propunha como objetivo principal deste projeto que era: *descrever se, e como, a partir das artes visuais, os alunos percebem e reconhecem suas identidades, sua história pessoal e suas memórias, relatando se ocorreram mudanças significativas no olhar que estes tinham com relação à comunidade da Restinga após o trabalho desenvolvido no estágio*. O relato apresentado descreveu o caminho traçado, as bifurcações e as possibilidades atingidas.

Neste momento do meu trabalho, busco voltar às minhas reflexões iniciais em que discuto a importância da questão de identificação e as articulações geradas em sala de aula com seus saberes e fazeres. Questiono em que ponto estas viabilizaram o que Silva (2007) considera *uma suturação*. Posso considerar que houve *uma costura* de partes de um todo? O que indica uma resposta conclusiva são os alunos que destaco a seguir. A aluna 4 que no primeiro relato *a Restinga pra mim é,* completou com "importante porque é onde eu nasci" e

no último relato *saber da história da Restinga me fez pensar que:* “seus habitantes passaram por muitas dificuldades, assim a restinga pra mim é mais importante ainda”

O aluno 18 é um exemplo de transformação no primeiro relato *a Restinga pra mim é:* “uma merda porque tem muita violência”. E no último relato *saber da história da Restinga me fez pensar que:* “a restinga é um bom lugar para morar, assim a Restinga pra mim é o melhor lugar”.

Com estes relatos é possível perceber que nem todos os 31 envolvidos na pesquisa conseguiram desenvolver uma visão crítica, mas sei que foi plantada uma semente de inquietação - ao menos espero ter conseguido fazer isso -, pois propondo mudanças nos modos de ser e pensar, o meio também se transforma e assim a sociedade como um todo. Preocupa-me as vidas em formação que perpassaram por minhas mãos, isso configura uma tarefa de imensa responsabilidade.

> Selecionar e combinar são, então, uma interpretação do professor-pesquisador. Não uma interpretação que cria a armadilha de responder questões, mas a interpretação que se faz proposição aos alunos num processo instigante de novas e futuras escavações de sentido. (MARTINS E PICOSQUE, 2012, P. 117)

O que Miriam Celeste Martins e Gisa Picosque apontam como *escavação de sentido*, acredito ser bem a função do professor, e por isso a responsabilidade. Buscar propor assuntos de interesse dos alunos que não escandalizem os *conteúdos já estabelecidos* é uma tarefa do *professor-pesquisador-propositor.*

Espero que este trabalho possa ser inspirador e incentivar a estudantes, moradores da comunidade, professores, pesquisadores, enfim a todos que buscarem saber mais sobre a Restinga e se encorajarem a trabalhar este assunto em qualquer espaço de construção de conhecimento, seja sala de aula, instituição social ou sob a sombra de uma figueira.

A *metamorfose ambulante* (SEIXAS, 19-?) vale muito mais como horizonte, aquilo que devemos sempre lembrar: é preciso sempre estar em transformação, duvidar do que se disse, do que se ouviu e do que se leu. Este é o sentido de se por a caminho e não estagnar no mesmo local. Caminhar sempre e lembrar que a sabedoria se constrói ao longo da andança.

REFERÊNCIAS

ANITELLI, Fernando. **Reticências.** 20-? Disponível em: http://letras.mus.br/o-teatro-magico/1256232/. Acesso em: 17 set. 2013.

BARBOSA, Ana Mae. Dilemas da Arte/Educação como mediação cultural em namoro com as tecnologias contemporâneas. In:_____ (Org). **Arte/Educação Contemporânea:** Consonâncias Internacionais. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **Inquietações e mudanças no ensino da arte.** São Paulo: Cortez, 2003. p. 87.

_____. **Tópicos Utópicos.** Belo Horizonte: Ed. Arte, 1998. p. 11-51.

BALLENGEE-MORRIS, Christine; DANIEL, Vesta; STUHR, Patricia. Questões de diversidade na educação e cultura visual: comunidade, justiça social e pós-colonialismo. Tradução de Vitória Amaral. In: BARBOSA, Ana Mae. (Org.) **Arte-Educação contemporânea:** consonâncias internacionais. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BASTOS, Flávia Maria Cunha. O Perturbamento do Familiar: uma proposta teórica para a Arte/Educação baseada na comunidade. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). **Arte/Educação Contemporânea:** consonâncias internacionais. São Paulo: Cortez, 2005a. p. 227-244.

_____. Celebrando autorias: arte, comunidade e cotidiano em arte-educação. **Visualidades.** Goiânia, n.1, v.3, p 71-84, 2005b.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade.** Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2003.

BRASIL. SECRETARIA DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros curriculares nacionais:** arte. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CAIXA ECONOMICA FEDERAL. **Minha casa minha vida.** [S. l.], 2013. Disponível em: http://www.caixa.gov.br/habitacao/mcmv/. Acesso em: 25 set. 2013.

CALLIGARES, Contardo. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CAYMI, Danilo; SOUTO, Edmundo; TAPAJÓS, Paulinho. **Andança.** 2005. Disponível em: http://www.vagalume.com.br/beth-carvalho/andancas.html Acesso em: 22 nov. 2013.

CENTRO BRASILEIRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS. **Mapa da Violência:** mortes matadas por armas de fogo. [S.l.]; 2013. Disponível em http://mapadaviolencia.org.br acesso em 30 set. 2013.

DANIEL, Vesta. Components of the community act as sources of pedagogy. **Visualidades.** Goiânia, n.1, v.3, p. 129-143, 2005.

ESTADO MAIOR DA RESTINGA. **Samba enredo 2013**. Porto Alegre, 2013. Disponível em: http://estadomaiordarestinga-tinga.blogspot.com.br/search?q=o+amor+%C3%A9 + tinguerreiro. Acesso em: 09 dez. 2013

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa.** 4. ed. Curitiba: Editora Positivo, 2009. p. 132 e 1369.

FRANGE, Lucimar. Arte e seu ensino, uma questão ou várias questões? In: BARBOSA, Ana Mae(org). **Inquietações e mudanças no ensino da arte.** 5.ed. São Paulo:Cortez, 2008. cap.3.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e terra, 1996.

GAMALHO, Nola. **A produção da periferia:** das representações do espaço ao espaço de representações no Bairro Restinga Porto Alegre RS. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

HEIDRICH, Rosanne Lipp João. **Projeto e Realidade na Consolidação de uma Área Urbana:** Bairro Restinga. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

HÉRNANDEZ, Fernando. **Cultura Visual:** mudança educativa e projeto de trabalho. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

KAVÁFIS, Konstantínos. **Ítaca**. Tradução José Paulo Paes. [S.l.]: [s.n.], 1863-1933.

LUCCAS, Jaime. **A solidariedade na economia.** Cidade nova. [S.l.], 2013. Disponível em: http://www.cidadenova.org.br/RevistaCidadenova/ArtigoDetalhe.aspx?id=3461. Acesso em: 9 dez. 2013

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura.** 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2012.

MEDEIROS, Laudelino. **Vilas de Malocas:** ensaio de sociologia urbana. Porto Alegre: UFRGS, 1951. 92 p.

MOREIRA, Antonio; CÂMARA, Michele. Reflexões sobre currículo e identidade: implicações para prática pedagógica. In: MOREIRA, Antonio; CANDAU, Vera (org.). **Multiculturalismo:** diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis: Vozes, 2008.

NUNES, Marion Kruse (org.). **Memórias dos Bairros Restinga**. Porto Alegre: SMC/PMPA, 1990.

PORTO ALEGRE. Prefeitura Municipal. **História do bairro Restinga**. Porto Alegre: [201-?], [?]. Disponível em: http://www2.portoalegre.rs.gov.br/observatorio/default.php?p_bairro=153&hist=1&p_sistema=S. Acesso em: 22 mai. 2013.

_____. **Observa Poa:** Região Restinga. Porto Alegre: [s.n.], 2013. Disponível em http://portoalegreemanalise.procempa.com.br. Acesso em 30 set. 2013.

_____. **Orçamento participativo.** Porto Alegre, 2012. Disponível em: http://www2.portoalegre.rs.gov.br/op/default.php?p_secao=15. Acesso em: 25 set. 2013.

RICHTER, Ivone Mendes. Multiculturalidade e interdisciplinaridade. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

RIO GRANDE DO SUL. **Proposta pedagógica para o ensino médio politécnico e educação profissional integrada ao ensino médio.** Porto Alegre, 2011. p. 4.

SANTOS, Tavama Nunes. **A trajetória da S.R.B. Estado Maior da Restinga e seu papel na constituição da identidade e visibilidade do bairro Restinga (Porto Alegre -1977 a 2002).** Porto Alegre: PUCRS, 2011.

SEIXAS, Raul. **Metamorfose ambulante**. 19-? Disponível em: http://letras.mus.br/raul-seixas/48317/. Acesso em 17 set. 2013.

SILVA, Tomas Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. **Identidade e diferença:** a perspectiva dos Estudos Culturais. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

TOURINHO, Irene. Visualidades comuns, mediação e experiência cotidiana. In: BARBOSA, Ana Mae e COUTINHO, Rejane Galvão. **Arte/educação como mediação cultural e social**. São Paulo: UNESP, 2009.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomas Tadeu da (org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos Estudos Culturais. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

VALLE, Laura Regina dos Santos. **Narrativas Orais da Restinga:** duas faces da autoria. Porto Alegre: UFRGS, 2012.

ZAMBONI, Vanessa. **Construção social do espaço**. Identidades e territórios em processo de remoção: o caso da Restinga. Dissertação de Mestrado em Planejamento Urbano. Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

ZERO HORA. **Avenida Ipiranga e seus problemas.** Porto Alegre, ano 6, n. 1599, p. 03, 11 ago. 1969.

_____. **Favelas são 20 mil famílias.** Porto Alegre, ano 6, n. 1743, p. 9, 22 jan. 1970.

_____. **Malocas da Rua Avaí vão.** Porto Alegre, ano6, n.1737, p.9, 16 jan. 1970.

_____. **Malocas o feio da avenida vai sair.** Porto Alegre, ano 6, n. 1599, p. 3, 11 ago. 1969.

_____. **Morte e desespero.** Porto Alegre, ano 5, n. 1435, p. 13, 25 jan. 1969.

_____. **Ninguém pensa na Restinga.** Porto Alegre, ano 5 n. 1435, p. 1, 25 jan. 1969.

_____. **Notícias sobre Restinga.** Porto Alegre: 2013. Disponível em: http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/ultimas-noticias/tag/restinga/. Acesso em: 7 dez. 2013.

ZORDAN, Paola Basso Menna Barreto Gomes. **Aulas de artes, espaços problemáticos.** In: Cadernos de aplicação. Porto Alegre, v. 20, n. 2, 2, jul./dez. 2007

_____. Percursos das artes plásticas visuais: geologia de uma disciplina. In: ICLE, Gilberto (org). **Pedagogia da arte**: entre-lugares da criação. Porto Alegre: UFRGS, 2010g

APÊNDICE A – Respostas completas dos alunos

Restinga pra mim é... porque...		*Bom morar* *Ruim morar*	*Já sabia da história o que chamou atenção* *Saber da história fez pensar que*
1.	Um lugar legal, bom, ótimo.		
2.	Muito legal para morar pois de todas as coisas que acabam acontecendo aqui como a violência é onde moro desde quando me considero gente. Pretendo viver aqui por alguns anos ainda. Quando eu começar a trabalhar e me sustentar já pretendo comprar minhas coisas.		Saber da história da Restinga quem me fez pensar que o povo mora aqui sofreu e batalhou muito para uma melhor condição de vida, assim a Restinga pra mim é um lugar que tenho orgulho de morar apesar dos pesares.
3.	A Restinga para mim é chinela, bandidosa, cheia de bandidos, drogas, assassinos, delinquentes, fuleiros. Eu não queria morar aqui, queria morar em Gramado e sinto raiva por isso, quando eu fizer 18 anos, a primeira que eu vou fazer é sair daqui o mais rápido possível. <u>Esse é o meu amor pela Restinga</u>		
4.	A Restinga pra mim é importante, porque é onde eu nasci.		Não, não conhecia mais minha atenção foi o sofrimento que as pessoas passaram. Saber da história da restinga me fez pensar que seus habitantes passaram por muitas dificuldades, assim a restinga pra mim é mais importante ainda.
5.	A Restinga pra mim é uma cidade eu só venho para estudar, se não precisar eu não venho.		
6.	A Restinga pra mim é um bairro comum, só temos que manter cuidado, mas eu gosto da Restinga	A Restinga está cada vez mais perigosa, aonde cada um sai a violência, em qualquer	Eu não sabia muito bem, mas eu me surpreendi com a história do bairro, e acredito que a Restinga evolui sim. A Restinga pra mim

		lugar em qualquer rua tem violência	é aonde eu me criei fez amigos, eu gosto da Restinga, só acho que a violência é ruim.
7.	A Restinga para mim é horrível muito ruim, porque tem muita violência e drogas, e é lugar de gente maloqueira.	A restinga é horrível. Só tem ladrão, drogado e maloqueiro. Não troca o traficante à 5 anos! Que lugar bom! Durma com lindos barulhos de tiros.	Saber da história da restinga me fez pensar que a restinga é um lixo e eu não tenho planos de morar aqui no futuro, assim a Restinga pra mim é um lixo, uma bosta.
8.	A Restinga é violenta as vezes não sei porque, as vezes suja, porque muitas pessoas não cuidam. Restinga Perigo, bandidagem, trafico violência, mau cuidada, mais é o lugar onde moramos.		Não conhecia a história ainda, o que mais me chamou atenção foi o esforço e o sofrimentos que todos passaram para conseguir sobreviver.
9.	É um bairro abençoado porque tem coisas. A restinga é como qualquer outro bairro tem coisas ruins e coisas boas, mas claro sempre tem que manter cuidado. Mas é bom de se viver aqui, mas não pode andar muito sozinha (o), tem lugar otimos para caminhar e relaxar, é bom.	A Restinga é como qualquer outro bairro tem coisas ruins e coisas boas, mas claro sempre tem que manter cuidado. Mas é bom de se viver aqui, mas não pode andar muito sozinho (a), tem lugar ótimos para caminhar e relaxar aqui, é bom.	Saber da história me fez pensar que eu devo mudar, assim a Restinga pra mim é um bairro tri de se morar.
10.	A Restinga pra mim é um lugar bom para morar não vou dizer que é 100% bom porque tem umas parte pela Restinga que não são muito boa para morar porque tem muitos pontos de drogas.	O bom de morar é que é um lugar calmo, pessoas se respeitam. O ruim é por causa dessas violências, drogas, etc.	Não conhecia a história sei lá o que me chamou atenção. Saber da história da Restinga me fez pensar que não era tão fácil assim como hoje em dia, só tinha malocas agora já tem uma grande população de moradores. Assim a Restinga pra min é um bom lugar para morar agora tem mais praças campos de futebol etc. Não vou dizer que é calmo porque sempre tem umas violência mais em todos lugares tem isso.
11.	Bom a restinga antes era bem melhor, agora ela está virada de pernas para o ar. Dá tiro toda hora, pessoas		Não eu não conhecia a história da restinga. E o que mais me chamou atenção é a falta de segurança na tinga. Saber da

	morendo por drogas, agora que deu uma acalmada nas coisas por enquanto só. Mas fora isso esta um pouco bom também.		história da restinga me fez pensar que nos temos que ir por nós mesmos e não pelo outro, pois se não vamos nos dar mal assim a restinga pra mim é um pouco sem segurança mas fora isso, não tem do que reclamar.
12.	É um lugar ótimo para morar, bem centralizado. Só que estraga infelizmente é as violências que são demais. Mas tirando isso a Restinga é um bairro bom. A restinga pra mim é um lugar bom de morar não que seja seguro porque as vezes não é. Mas gosto muito daqui.	Restinga porque é bom morar... pela localização das coisas, tudo perto, pelo fato de ser um bairro parece uma cidade muitas pessoas vem pra cá porque é bom para morar. Restinga porque não é bom para morar pelo fato de ter muita violência as vezes. As pessoas acabam querendo se afastar daqui.	A história da Restinga: Não conhecia me chamou atenção o jeito como ela foi fundada e como tudo começou. Me fez pensar que tudo que começa lá de baixo um dia cresce e aumenta na vida. A restinga pra mim é um ótimo bairro com uma história linda. No dia 02 de junho de 2012, ás 16h30 mataram minha amiga Caroline Tito. Foi uma judiaria, foi morta á toa, pelo fato de ter ido num lugar os amigos dela aquelas coisas que hoje em dia é muito comum na Restinga, o tal dos “contra”. O sofrimento da família e dos amigos são muito difícil de superar mas sabemos que com o tempo a dor irá amenizar.
13.	A Restinga para mim é uma porcaria, porque é só violência.		
14.	*A restinga pra mim é* um lar, onde embora perigos me sinto seguro		Não conhecia. Me chamou atenção quantas histórias absurdas aconteceram na Restinga. Saber da história me fez pensar que desde antigamente já havia criminalidade na restinga.
15.	É horrível porque tem muita violência		Saber da história da Restinga me fez pensar que está tudo violento, assim a Restinga para mim é perigosa.
16.	A Restinga pra mim é seca, porque significa.	Não é bom porque tem muito tiroteio e mortes. E fui assaltado 3 vezes aqui.	
17.	A restinga pra mim é irritante porque tem vários assaltos e roubos.	É um lugar bom para morar. A restinga é muito bom, mas só os	Eu não conhecia a história da Restinga, mas achei muito interessante. Mais me chamou

		tiros as vezes.	atenção foi a parte das malocas.
18.	A Restinga pra mim é uma merda porque tem muita violência		Saber da história da Restinga me fez pensar que a restinga é um bom lugar para morar, assim a Restinga pra mim é o melhor lugar.
19.	A Restinga pra min é uma violência só, uns dias fica tudo tranqüilo e outros é tiro. Aqui na Restinga ouvir tiros é normal.	Anos atrás a Restinga era um bom lugar pra morar agora não. Tu sai pra rua tem risco de tomar tiro na cara. Estou terminando este livro, é muito ruim morar na Restinga	Não conhecia a história e também não entendi muito bem
20.	Um lugar bom de se ver apesar da violência e do tráfico fora isso é muito bom de se viver		Eu não conhecia a história achei muito legal sobre a restinga. A Restinga para mim é um lugar bom de se viver eu nasci na restinga e vou morrer na Restinga.
21.	A Restinga pra mim é tudo porque aqui conheci muita gente legal, apesar de ter muitas coisas ruins na Restinga eu gosto dela, aqui foi a primeira opção da minha mãe vir pra cá, e eu ganhei muito de vir pra cá, por isso eu gosto da Restinga por este motivo.	Não vá a Restinga e cheia de coisas ruins tiro toda hora, muito perigoso ir pra lá n vá!	
22.	Bom, a Restinga para mim é primeiramente é um bairro, não muito bom, poucos gostam pelo fato de não ser limpo, os ônibus serem demorados e lotados, ser longe, ter bastante violência, mas ninguém faz por melhorar, ninguém tenta ser melhor, continuam tirando lixo nas ruas, sendo mal educados no ônibus, depois querem ter o direito de reclamar, mas se cada UM FIZESSE sua PARTE, talvez a 'RESTINGA' não teria como ta.	A Restinga um bairro tão grande com bastante comércios, mas infelizmente com muita desorganização e gente mal educada também. Já conhecia a história um pouco e o que me chamou atenção foi que só tinha 2 onibus por dia (ñ ônibus que fazia apenas 2 viagens uma de manhã e outra a noite.)	Saber da história da Restinga me fez pensar que por um lado ela evoluiu bastante, assim, a Restinga para mim é um bairro não muito bom, mas com pessoas queridas que logo quando vieram morar aqui foram enganadas (os mais velhos) mas depois não adiantou se arrependeram, é isso que eu acho...
23.	A restinga pra mim é um lugar não muito de se	A Restinga é um lugar onde tinha que ter	Eu não conhecia a história da Restinga. Não sei o que mais me

	dizer: “nossa, é uma paz morar aqui”. Não é tudo. Mas nela eu pude conhecer muitas pessoas legais, trabalhadores, pessoas de bem. E o mais importante, tem o colégio, que é a minha segunda casa. Porque aqui se tem muitas coisas boas, infelizmente ruins também. Mas com o tempo a gente vai se acostumando e lidando com as pessoas os acontecimento diários. A Restinga é um bom lugar. Mas muitos lugares não são bons para se viver. Precisa-se de mais policiais que fazem seu trabalho por merecer. A restinga tem lugares desconhecidos, porque normalmente ela só é conhecida como um lugar só e maldades, drogas, gangues e tudo mais. A Restinga precisa mais de paz, menos bandidagem, mais segurança. Assim ela vai ser conhecida como um lugar bom para se viver.	mais educação e cidadania, ao invés de vermos criaturas fumando droga em plena praça pública e crianças vendo aquilo e o cheiro da droga subindo e aquilo contaminando quem passa por ele. Deveria existir pessoas de respeito, caráter, e não bandidos roubando e matando, como se isso fosse uma brincadeira. Deveria existir segurança. As pessoas (alunos) deveriam ter a consciência de que pichar as paredes, quadros, cortinas, é um ato de idiotisse e de pessoas que não tiveram a educação dentro de casa necessária. Talvez a culpa não seja tanto dos governadores, deputados e tudo mais. Talvez a educação tenha que vir dentro de nós mesmos. Para que possamos ter um mundo e lugar mais digno para se viver . se pudéssemos viver sem fazer o mal para os outros, seríamos felizes, simples assim. Mas enquanto isso não acontece, a gente tem que seguir o nosso coração sem influencias, para que isso não prejudique a nossa educação e vida.	chama atenção. Gostei das paisagens, apesar de poucas árvores, mais prédios, pouca segurança, poucas atividades. Com o tempo a Restinga melhorou alguns aspectos e tomara que ano que vem melhore cada vez mais. Saber da história da Restinga me fez pensar que a gente tem que ver as coisas como elas realmente são. A gente têm que dar valor ao que a gente tem, não no que a gente quer. Pelas histórias que eu vi, a Restinga melhorou bastante alguns aspectos. Assim a Restinga pra mim é um lugar inesquecível, onde as pessoas que amo moram aqui. Eu sou uma fã que se orgulha dos fddos que tem. Que ama seus professores independente da matéria, beleza e atitudes. Gosto de verde porque representa florestas, a Amazônia. Gosto de histórias porque a gente conhece mais sobre o que passou quando tudo era diferente no mundo atual.
24.	Tipo eu não moro na		

	restinga mas fico por aqui bastante por causa da escola e tal mas eu gosto da tinga porque moram todos os meus amigos.		
25.	A restinga pra mim é um lixão, porque todo mundo bota lixo nos rios		
26.	A Restinga pra mim é legal.	É bom morar na Restinga porque as pessoas são muito simpáticas alegres é ruim porque é muitos roubos etc.	Saber da história me fez pensar que é um bom lugar para morar, a Restinga pra mim é boa até de morar.
27.	Um lugar muito violento, com malocas até hoje em dia		
28.	A restinga pra mim é um lugar que eu gosto de morar porque eu conheço todos e moro em uma parte boa.	É bom morar na restinga porque tudo é perto e é ruim porque tem muitos bandidos.	Não conhecia a história da Restinga. Saber da história da restinga me fez pensar que era um lugar ruim de morar assim, a restinga pra mim é uma evolução.
29.	*A restinga pra mim é* um lugar tranqüilo.	Morar na Restinga é bom , porque tem tudo. Morar na Restinga é ruim porque tem muita criminalidade.	*Sobre história da restinga* O que me chamou atenção foi as malocas, e as pessoas que tinham uma vida muito ruim, pois quando vieram para a Restinga, tinham que trabalhar no centro, e o ônibus demorava muito tempo para chegar lá. Me chamou atenção as pessoas que moravam em condições horríveis. Saber da história da Restinga me fez pensar que naquele tempo os pobres viviam muito mal, assim a restinga pra mim é um ótimo lugar para se viver.
30.	A Restinga pra mim é muito boa, porque eu gosto daqui.		
31.	É ruim porque tem muita violência, tráfico, mas também tem parte boa.		

APÊNDICE B - Projeto de ensino inicial

Título do projeto: COMUNIDART-TINGA – Arte na Comunidade da Restinga.

Turmas e horários: Turma 81 - 8º série - segunda-feira das 7h45 às 9h25.

Avaliação: Será pela produção do livro de memória, uma espécie de diário de bordo construído no primeiro dia de aula o qual durante todo o processo cada aluno fará anotações, registros de memória e auto avaliação. Para cada etapa do processo, apresentar o que será executado e convidar que cada aluno estabeleça para si uma meta a ser atingida durante a etapa. Observar o esforçou na participação e superação de limites.

TEMÁTICA PRINCIPAL

Através do projeto de trabalho em arte, possibilitar ampliação do olhar com relação à comunidade, não reproduzindo preconceitos estabelecidos e repetidos pelos pais e professores, mas sim criando opinião própria a partir do conhecimento construído durante o processo. As artes visuais serão o fio condutor que possibilitará uma nova percepção do bairro, da escola e dos próprios alunos.

JUSTIFICATIVA

PORQUE UM PROJETO EM ARTES

Nas observações realizadas percebi grande falta de interesse em realizar as atividades propostas nas aulas de artes, muitos alunos se questionavam “qual a moral” de fazer determinado trabalho, falta de sentido. Não havia apreciação das produções, menos ainda contextualização.

As experiências com material ou técnica foram lápis de cor, régua, borracha e folha A4. Não foram feitas apreciações das produções, um olhar para o desenho feito, nem mesmo contextualização.

PORQUE SOBRE A RESTINGA

A comunidade da Restinga possui certas características definidas, os moradores ainda são reconhecidos, em muitas situações, como maloqueiros, bandidos, marginais. Há um preconceito formado, o qual os alunos repetem sem refletir o que estão falando, como o próprio termo marginal – quem está à margem – e maloqueiro – quem mora em maloca. Estas questões merecem uma nova percepção e uma discussão em sala de aula, e acredito que isso, além de ser papel, também é possível através das artes visuais.

Três exemplos bem concretos são os pontos que me motivam a trabalhar a comunidade da Restinga em sala de aula:

1 – Fala de uma ex-aluna de escola particular: – Olha o que agente tá fazendo, a gente não tá fazendo nada, eu tô estudando em uma escola pública, na Restinga, e a gente tem um período e não tem nada pra fazer!

2 – Fala da professora da turma – Durante o preenchimento de uma ficha da escola, no campo bairro, escrevi Restinga, ela me disse – Não coloca isso, tá errado, coloca Restinga Nova se não o pessoal entende errado.

3 – Durante minhas pesquisas encontrei uma dissertação de mestrado em geografia (GAMALHO, 2009) sobre a comunidade da Restinga, e nela constam várias entrevistas com moradores da comunidade:

> [...] fala que mora na Restinga e já acham que é parente de marginal, de bandido. Que mora nas malocas lá em cima. Porque eles vê muito movimento da Restinga Velha, pra baixo não tem nada a ver. O pessoal que não conhece aqui acha que aquilo lá é Restinga. Pelo contrário, mora muita gente boa, mais boa que má, bem mais. Pessoas trabalhadeiras, pessoas que não se envolvem com o banditismo. (entrevista 8, moradora da Restinga Nova – 3º unidade em 05/03/2008 – p. 134).

OBJETIVOS

- Possibilitar aos alunos da turma envolvida a partir das artes visuais, perceberem suas identidades, sua história pessoal e suas memórias.
- Propor um enfoque para as aulas de arte, no qual a história pessoal e as memórias dos alunos façam sentido nas ações pedagógicas, estas vinculadas as realidades dos mesmos e o seu contexto.
- Ampliar o olhar que os alunos tem com relação a comunidades, através do projeto de trabalho em arte, para que eles não reproduzam preconceitos estabelecidos e repetidos pelos pais e professores, mas sim criando opinião própria a partir do conhecimento construído durante o processo.
- Estabelecer novas relações com a escola e com a comunidade, conhecendo a história de formação do bairro.
- Discutir história da arte, conceitos - arte e artistas contemporâneos;
- Experimentar técnicas e materiais.
- Criar sentido para aquilo que é produzido relacionando com a realidade dos alunos e contextualizando.

- Descobrir formas de arte na comunidade; (arte urbana, o grafite, intervenções, cartazes, núcleos de trabalhos artesanais;)

AULA A AULA

AULA 1 – 19/08 – 1h40

TÍTULO DA AULA: Apresentação

JUSTIFICATIVA: A partir das artes perceber como cada aluno é, que sentimentos trás. Para que haja melhor trabalho ao longo das aulas, para conhecer melhor a turma perceber novos elementos além das observações.

OBJETIVOS: Aproximar, conhecer melhor os alunos. - Apresentar o projeto de trabalho, a professora e os alunos.

O QUE EM CADA MOMENTO: - Chegar antes para organizar a sala, arredar mesas e organizar um círculo com as cadeiras, neste primeiro dia, gostaria de fazer isso sem ajuda dos alunos, nas próximas aulas a ideia é que eles possam fazer isso;

- Organizar a dinâmica das folhas no chão; - Orientar os alunos para que coloquem as mochilas nas mesas que estarão dispostas próximas a parede e sentar no círculo de cadeiras.

- Inicio da aula me apresentando e após uma rodada de apresentação utilizando a dinâmica do nome e adjetivo que comece com a mesma letra do nome. - Dinâmica de aprofundamento do conhecimento – folhas no chão. - Voltar para o círculo e distribuir texto quem sou eu?

- Introdução quem sou eu, cada alunos pensar como se apresenta, que é, do que gosta, o que não gosta, pensar elementos que compõe

- Terminar 15 minutos antes para organização da sala e orientação sobre o caderno. – O caderno como forma de diário, mapa, fazer registros a cada aula que indiquem o foi feito a cada encontro, funcionará como avaliação.

- Material para próxima aula; - Chamada; - Organização da sala.

AULA 02 - TURMA 81 – 26/08 – 1h40

TÍTULO DA AULA: Quem sou eu?

JUSTIFICATIVA: A arte vai além do desenho, poder criar peças tridimensionais possibilitarás aos alunos outra percepção sobre as artes visuais.

OBJETIVOS: Criar peças em três dimensões com sucatas.

O QUE EM CADA MOMENTO: A sala estar organizada em grupos de trabalho, juntar as classes que tem na sala, formatar o ambiente. - Quando os alunos chegarem, pedir que coloquem a mochila pendurada na cadeira.

- Apresentar artistas que representaram mão e fazer discussão por grupo de que técnicas foram utilizadas em cada trabalho, (tipo competição) dar tempo para discussão em grupo e retomar em assembleia.

- Organizar o material que será utilizado, aprender a usar material; - Terminar 15 minutos antes para registro e organização da sala. - Fazer chamada - Organização da sala e material para próxima aula;

RECURSOS NECESSÁRIOS - imagens dos trabalhos dos artistas que serão utilizadas impressas, por grupo. - estudar técnica que será utilizada e prever materiais que serão utilizados.

AULA 03 - TURMA 81 – 02/09 – 1h40

TÍTULO DA AULA: Análise contexto do quem sou eu

JUSTIFICATIVA - Nas aulas observadas não acontecia um momento de apreciação do que estava sendo desenvolvido;

OBJETIVOS - Apresentação e apreciação dos trabalhos uns dos outros; - Contextualizar os trabalhos realizados; Conhecer ficha catalográfica.

O QUE EM CADA MOMENTO - Um período para terminar trabalhos e o outro para apresentação. - Arrumar sala em formato que os trabalhos possam ser expostos. – Que os alunos possam organizar a sala para exposição. – Ficha catalográfica - Apreciar trabalhos, cada um apresentará o trabalho realizado.

- Chamada; - Reservar minutos finais para registro no caderno;

- Organização da sala e material para próxima aula; pedir que tragam máquina fotográfica.

RECURSOS NECESSÁRIOS – ficha catalográfica.

AULA 04 - TURMA 81 – 09/09 – 1h40

TÍTULO DA AULA: A escola antes não vista

JUSTIFICATIVA: Possibilitar o conhecimento da fotografia também como arte visual. Ampliar a percepção do olhar dos alunos. A escola não é percebida como um lugar legal;

OBJETIVOS: encontrar espaços na escola que chamam atenção – cada aluno mostrar seu lugar preferido na escola ou explorar espaços antes não vistos;

O QUE EM CADA MOMENTO: Apresentação da escola - como cada um vê a escola – trabalho em grupo, o que tem, o que sei que tem na escola construir cartaz – o que tem, o que falta, o que gosto, o que não gosto...

- Procurar espaços nunca vistos - que espaço mais me atraí, por quê? - existem momentos especiais que vivi na escola, o que de mais legal já me aconteceu?

- Registrar este espaço por meio de fotografia, estudar como esta fotografia será tirada, cuidar enquadramento. - Chamada; - Reservar minutos finais para registro no livro; - Organização da sala e material para próxima aula;

RECURSOS NECESSÁRIOS - Avisar coordenação e monitores que os alunos estarão fotografando a escola, fora da sala de aula. - Pedir que os alunos enviem as fotos por email e façam a revelação das imagens, quem puder.

AULA 05 - TURMA 81 – 16/09 – 1h40

TÍTULO DA AULA: desvelando a imagem

JUSTIFICATIVA: Os alunos não tem experiência com outras formas de trabalho que não o desenho.

OBJETIVOS: Experimentar recurso fotográfico. - interferência nas fotografias - olhar e contextualizar.

O QUE EM CADA MOMENTO: Iniciar a aula apresentando artistas que trabalham com interferências em fotografias. – Distribuir as fotografias impressas para que os alunos possam fazer interferências sobre elas. - Chamada; - Reservar minutos finais para registro no caderno; - Organização da sala e material para próxima aula;

RECURSOS NECESSÁRIOS: fotografias impressas, material para interferência nas imagens.

AULA 06 - TURMA 81 – 23/09 – 1h40

TÍTULO DA AULA: SER (RES) – TINGA – PARTE 1

JUSTIFICATIVA: Poder conhecer o trabalho da artista ÉlidaTessler, como arte contemporânea. Há um conceito formado sobre o bairro, este trabalho será realizado para que os alunos possam pensar sobre as diferentes identidades que compõe a comunidade;

OBJETIVOS: Conhecer as obras da artista ÉlidaTessler.

O QUE EM CADA MOMENTO: Mostrar trabalho ÉlidaTessler, conversar sobre. - Trabalho por grupo - distribuir jogos de letra para formação de palavras R-E-S-T-I-N-G-A, deixar tempo para montar palavras, dizer que há uma palavra que dá com todas as letras.

- Desta palavra (RESTINGA), que trocadilhos podemos fazer, relacionados com bairro. - Colocar a melhor definição no papel pardo e criar tabelas de apresentação (PENSAR O QUE E COMO SERÁ COLOCADO E DEPOIS COLOCAR) do bairro – o que tem, o que falta, como é dividido – se eu quisesse mostrar para alguém que não conhece a comunidade, como faria. O que considero importante mostrar;

- Em folha destacada escrever a Restinga para mim é? - Apresentar cartaz; - Começar identidades; - Chamada; - Reservar minutos finais para registro no caderno; - Organização da sala e material para próxima aula;

AULA 07 - TURMA 81 – 30/09 – 1h40

TÍTULO DA AULA: SER (RES) – TINGA – PARTE 2

JUSTIFICATIVA: Há um conceito formado sobre o bairro, este trabalho será realizado para que os alunos possam pensar sobre as diferentes identidades que compõe a comunidade;

OBJETIVOS: Conhecer história da comunidade

O QUE EM CADA MOMENTO: Criar roteiro de entrevistas que perguntas colocar. Sair para fazer entrevistas. Por trio ou quarteto. – Escrever o que conseguiu de informações - Cada um apresenta o que conseguiu e juntos construímos a história em um varal de como iniciou o bairro; - Chamada; - Reservar minutos finais para registro no caderno; - Organização da sala e material para próxima aula;

AULA 08 - TURMA 81 – 07/10 – 1h40 –Narradores de javé

TÍTULO DA AULA: SER (RES) – TINGA – PARTE 3

JUSTIFICATIVA: O filme apresenta a história de uma comunidade que pode ser comparada com a da comunidade da Restinga.

OBJETIVOS: Relacionar Narradores de Javé com a Restinga.

O QUE EM CADA MOMENTO: Assistir o filme. Conversar sobre o filme e a comunidade. - Chamada; - Reservar minutos finais para registro no caderno;

RECURSOS NECESSÁRIOS: filme e data show

AULA 09 - TURMA 81 – 21/10 – 1h40

TÍTULO DA AULA: SER (RES) – TINGA – PARTE 4

JUSTIFICATIVA: Para poder comparar a realidade da cidade de Javé, apresentada no filme, com a realidade da Restinga.

OBJETIVOS: Comparar os dois filmes.

O QUE EM CADA MOMENTO: Chegada na sala. Sentar em círculo comentar o filme Narradores de Javé. Fazer chuva de ideias sobre a palavra Narração. Assistir Narradores da Restinga. Separar a turma por grupos e propor que construam um painel comparativo dos dois narradores. Cada grupo apresenta seu painel. Chamada; Registro no caderno; Organização da sala e material para próxima aula;

RECURSOS NECESSÁRIOS: data show, vídeo narradores da Restinga.

AULA 10 - TURMA 81 – 28/10 – 1h40

TÍTULO DA AULA: Encerramento

JUSTIFICATIVA: Para que cada aluno perceba que há sim o que avaliar em artes e também perceba todo o processo.

OBJETIVOS: Realizar a leitura da produção final. Avaliar o trabalho que foi construído.

O QUE EM CADA MOMENTO: Cada um possa responder novamente a pergunta: A Restinga pra mim é... Comparar a resposta anterior e a atual. Observar as anotações colocadas no diário e construir sua auto avaliação.

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO ALUNOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Queridos/as adolescentes

Eu, Raquel Verginia Rodrigues Orio, estou escrevendo um trabalho para conclusão do curso de licenciatura em artes visuais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a UFRGS. Neste trabalho escolhi a turma de vocês para fazer a análise da minha pesquisa, por causa das aulas que tivemos e dos trabalhos que vocês que vocês produziram.

Esta folha representa um documento importante desta pesquisa, pois aqui fica registrado se vocês querem, ou não, participar deste estudo. Com a autorização de vocês, poderei usar algumas fotos e os escritos dos trabalhos produzidos, além de algumas falas ditas durante as aulas.

Nem o nome, nem a imagem de vocês vão aparecer na pesquisa.

Nós da turma xx, da Escola Estadual xxxxxxxxxxxxxxxxxxx, localizada no município de Porto Alegre, estamos de acordo em participar da pesquisa, *Arte-Educação na Comunidade Restinga*, da estudante Raquel Verginia Rodriguies Orio, por vontade própria e abaixo assinamos.

Obrigada,
Raquel Orio

_____

Ass. da pesquisadora

Porto Alegre, 14 de novembro de 2013.

1. NOME: _____ ASS.: _____
2. NOME: _____ ASS.: _____
3. NOME: _____ ASS.: _____

ANEXO B – TERMO CONSENTIMENTO ESCOLA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

TERMO DE CONSENTIMENTO

Sra. Diretora,

Ao longo deste ano de 2013 realizei meu estágio curricular do Curso de Licencitura em Artes Visuais, este estágio serviu como instrumento para escrita do trabalho de conclusão de curso cujo tema é Arte-Educação na comunidade Restinga. Meu objetivo principal foi apresentar a história de formação do bairro Restinga e a partir das artes visuais verificar as percepções dos alunos da turma xx tiveram ao conhecer a história da comunidade.

Ao longo do deste processo precisei produzir imagens da escola, na sala de aula e no pátio, nestas imagens não há pessoas. Também realizei anotações sobre comentários realizados na escola. Por isso, solicito autorização para utilizar estes dados como base para pesquisa deste estudo nesta instituição. Será utilizado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para cada aluno.

Comprometo-me a respeitar valores éticos que permeiam este trabalho, os dados, imagens e resultados individuais desta pesquisa estarão sempre sob sigilo, não sendo mencionados os nomes dos participantes nem da instituição, em nenhuma apresentação oral ou escrita. A participação nesta pesquisa não oferece riscos ou prejuízo aos envolvidos. Todos os cuidados serão tomados para garantir o sigilo e a confidencialidade das informações, preservando a identidade dos participantes bem como das instituições envolvidas.

Agradeço a colaboração dessa instituição para a realização desta atividade de pesquisa e coloco-me à disposição para esclarecimentos adicionais.

Concordo com a solicitação acima.

_____ _____

Assinatura do responsável Assinatura da Pesquisadora

Porto Alegre, 15 novembro de 2013.